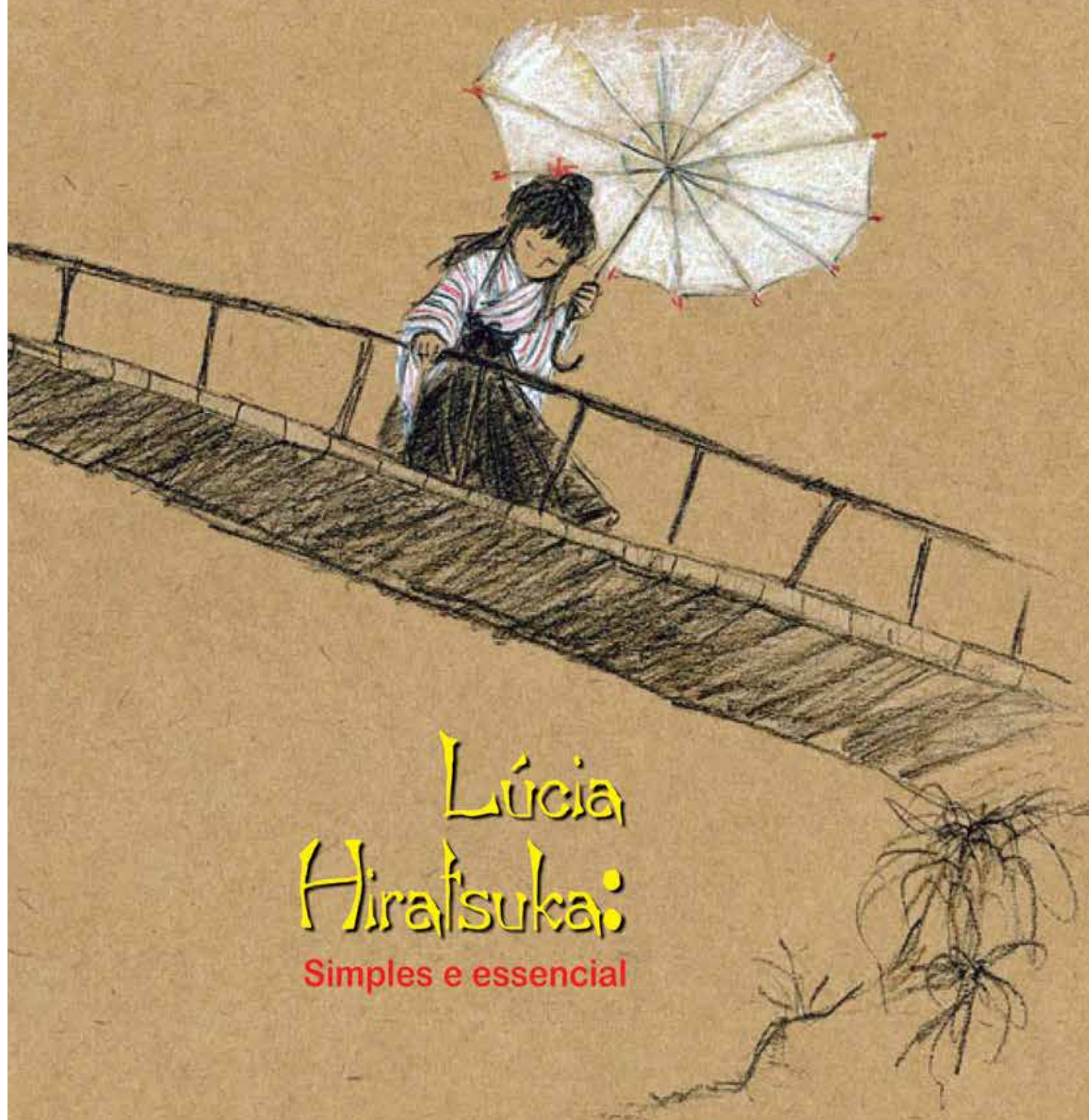


FUNDADO POR EDSON RÉGIS
EM 27 DE MARÇO DE 1949

Correio das Artes

Novembro 2018 – ANO LXIX Nº 9



Lúcia
Hiratsuka:

Simple e essencial



NA PARAÍBA, O ESTUDO TE LEVA MAIS LONGE.



O programa Gira Mundo modalidade estudante, visa proporcionar aos alunos matriculados na segunda série do ensino médio, no sentido de oportunizar o desenvolvimento linguístico e a interação com novas culturas e métodos de ensino, que, ao regressarem, tornar-se-ão multiplicadores do Programa Gira Mundo em suas regiões e desenvolver ações voltadas ao aprimoramento da educação no estado da Paraíba. Busca-se com o referido projeto, motivar os alunos e professores da rede pública estadual de educação na busca de melhor formação e desempenho na escola.

Os destinos do Gira-mundo



2016

50 estudantes - Canadá
3 professores - Canadá
20 professores - Finlândia

2017

50 estudantes - Canadá
25 estudantes - Espanha
25 estudantes - Portugal
55 Professores - Finlândia

Próximo destino:

100 estudantes - Canadá
50 estudantes - Espanha
25 estudantes - Portugal
25 estudantes - Argentina
80 professores - Finlândia
20 professores - Israel



A UNIÃO
Superintendência de Imprensa e Editoria

125
Anos

Sob o sol da manhã

A paulista Lúcia Hiratsuka é mais que uma escritora e ilustradora de livros infantis. Neta de imigrantes japoneses que vieram para o Brasil no início do século vinte, ela faz parte, a um só tempo, da história do Japão e do nosso país, assim como da história da literatura infantil japonesa e brasileira.

A arte de Lúcia Hiratsuka parece, toda ela, seguir os conceitos elementares da tradicional técnica de pintura *sumiê*: simplicidade, naturalidade, simbolização. Até mesmo as ilustrações em cores da artista, em outras técnicas, talvez, trazem essa leveza e essa busca pela essência daquilo que se narra ou se retrata.

Lúcia Hiratsuka pinta e conta histórias como uma criança que jamais saiu da roda; nunca abriu mão do universo mágico da infância, embora a vida, ao mesmo tempo trágica e bela, seja reverenciada sutilmente em

Lúcia Hiratsuka pinta e conta histórias como uma criança que jamais saiu da roda; nunca abriu mão do universo mágico da infância, embora a vida, ao mesmo tempo trágica e bela, seja reverenciada sutilmente em tudo que faz.

tudo que faz, como convém às obras de arte destinadas ao público infantil.

Na verdade, os livros de Lúcia Hiratsuka são os *ehons* de sua pátria ancestral, palavra que fascina por remeter a um mundo de fantasia - e o

que são os livros infantis, se não universos lúdicos, imaginários, plenos de poesia, frutos da inteligente e sensível costura de imagens e palavras sobre papel.

Lúcia Hiratsuka é uma ilustradora e escritora das mais premiadas do Brasil. Fiquemos em dois exemplos: *Histórias tecidas em seda* (Cortez, 2007) recebeu o Prêmio "Melhor Livro", na categoria de Reconto, em 2008, e *Orie* (Pequena Zahar, 2014), "Melhor Livro" na categoria Criança, ambos pela FNLIJ.

Levamos em conta essas credenciais, ao decidirmos homenagear Lúcia Hiratsuka, nesta edição. Agradecemos à autora pela valiosa contribuição que vem dando à literatura infantil, e à professora Neide Medeiros Santos pelo texto primoroso sobre essa importante autora, gentilmente cedido a este suplemento.

O Editor

índice



INFANTIL

A professora Neide Medeiros Santos apresenta vida e obra da escritora e ilustradora paulista Lúcia Hiratsuka.



LIVROS

Linaldo Guedes, Carlos Alberto Azevedo, João Batista de Brito, Gil Messias, Alberto Bresciani e Ronaldo Cagiano comentam as novidades.



POESIA

Os poetas José Edmilson Rodrigues, Cláudio Limeira e Irani Medeiros participam desta edição com dez poemas inéditos.



CRÔNICA E CONTO

Sandra Raquew, José Caitano, Jesuíno André, Raquel Naveira, Leonardo Paiva, Willy Nascimento e Luiz Augusto Paiva são os destaques desta edição.



O *Correio das Artes* é um suplemento mensal do jornal **A UNIÃO** e não pode ser vendido separadamente.

A União Superintendência de Imprensa e Editora
BR-101 - Km 3 - CEP 58.082-010 - Distrito Industrial - João Pessoa - PB
PABX: (083) 3218-6500 - FAX: 3218-6510
Redação: 3218-6509/9903-8071
ISSN 1984-7335
editor.correiodasartes@gmail.com
http://www.auniao.pb.gov.br

Secretário Est. de Comunicação Institucional
Luís Torres

Superintendente
Albiege Fernandes

Diretor Administrativo
Murillo Padilha
Câmara Neto

Diretor de Operações
Gilson Renato

Editor Geral
Jorge Rezende

Editora Adjunta
Renata Ferreira

Editor do Correio das Artes
William Costa

Supervisor Gráfico
Paulo Sérgio de Azevedo

Editoração
Paulo Sérgio de Azevedo

Arte da capa
Lúcia Hiratsuka

Ilustrações e artes
Domingos Sávio, Tônio e
Manuel Dantas Suassuna



Lúcia Hiratsuka

E A VALORIZAÇÃO
DA CULTURA
JAPONESA



Lúcia Hiratsuka é neta de japoneses que vieram para o Brasil nas primeiras décadas de século XX

Neide Medeiros Santos
Especial para o *Correio das Artes*

A história da migração japonesa no Brasil começa com a primeira leva de japoneses que aportaram no porto de Santos, litoral paulista, em junho de 1908, no navio Kasato Maru. Este ano completou 110 anos da vinda dos japoneses. Nessa primeira leva, chegaram 781 japoneses que formavam 158 famílias. Aqui eles se aclimataram e trouxeram, entre outras habilidades, o fácil manejo para o lado artístico e literário. Tomie Ohtake é um bom exemplo da contribuição nipônica nas artes plásticas e Nempuku Sato tornou-se o principal representante do haicai no Brasil. Atualmente, há inúmeros poetas brasileiros que escrevem poemas seguindo essa modalidade poética.

Os japoneses valorizam muito as heranças culturais do seu povo, o cuidado com as crianças e o respeito aos mais velhos. Geraldo Hasse, no artigo “A saga japonesa no Brasil”, publicado na revista *Globo Rural* (junho de 2018), afirmou com muita propriedade:

Na migração intermitente para um ou outro lugar



no Brasil, os descendentes de japoneses preservaram heranças culturais que se traduzem no cuidado com as crianças, no apego ao trabalho como valor supremo da sobrevivência e no respeito aos anciãos. Tudo isso se reflete numa das características marcantes da colônia: o baixo índice de infrações às leis.

Lúcia Hiratsuka é neta de japoneses que vieram para o Brasil nas primeiras décadas de século XX. Os avós chegaram em 1925, no porto de Santos. Inicialmente a família foi morar no sítio Asahi, interior de São Paulo. Asahi significa “sol da manhã”. Foi nesse sítio que Lúcia nasceu. Entrou na escola com sete anos, em casa só falava japonês com os pais e avós. Quando contava dez anos, a família se mudou para Duartina, considerada a capital da seda. Alguns anos mais tarde transferiu-se para a cidade de São Paulo onde cursou o ensino médio e depois Belas Artes.

Desenho simples, natural e simbólico: três referências que Hiratsuka herdou do sumiê

Em 1988, diplomada em Artes, viajou para o Japão. Durante um ano fez curso de aperfeiçoamento em ilustração de livros infantis na Universidade de Fukuoka. Atualmente, além de escritora e ilustradora, é professora de Artes.

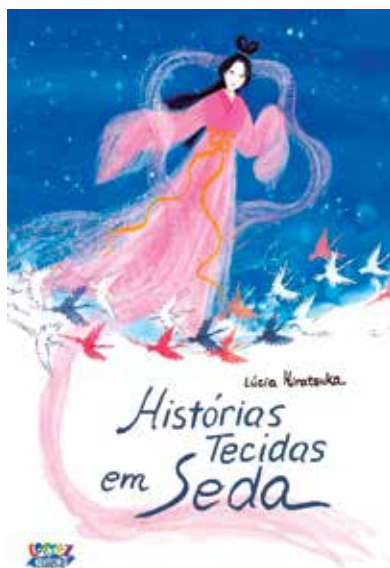
No site da escritora, encontram-se informações sobre como aprendeu a ler. O avô foi seu primeiro professor. Os livros que havia na casa eram, em sua maioria, escritos em japonês, havia também os “ehons” (livros japoneses ilustrados). Sobre os “ehons”, a escritora publicou no portal NippoBrasil o texto “Ehon - a arte de narrar com imagens” e explica, com detalhes, o que eles representam:

Dentro de um ehon, a ilustração não é uma imagem isolada, ela dialoga com as palavras (lembrando sempre que preciso ter um bom roteiro, um bom texto) e dialoga com as outras imagens que se seguem. A fluência da narrativa, o ritmo, ou seja, a montagem do todo se torna essencial.

E prossegue mais adiante: “... podemos afirmar que um ehon é uma expressão artística que tem como suporte o objeto livro”. Foi, portanto, olhando com o avô esses livros ilustrados que a autora criou o gosto pela ilustração.

Além desse avô, professor das primeiras letras e, indiretamente, responsável por sua inclinação para as artes, a avó merece um destaque especial. Era uma excelente contadora de histórias reais e ficcionais. Certa vez, a neta perguntou à avó se ela gostaria de retornar ao Japão, e ouviu essa resposta: “Acho que não vou reconhecer mais o lugar que eu nasci, fica na minha memória, continua do jeitinho que eu nasci. Será um eterno furusato.” Furusato é a terra natal em japonês.

Feitas essas considerações iniciais, nosso olhar se volta para dois livros de Lúcia Hiratsuka que ganharam inúmeros prêmios no Brasil. *Histórias tecidas em seda* (Cortez, 2007) recebeu o Prêmio “Melhor Livro”, na categoria de Reconto, pela FNLIJ, em 2008, e *Orie* (Pequena Zahar, 2014), “Melhor Livro” na categoria Criança por essa mesma en-



Histórias tecidas em seda (Cortez, 2007) recebeu o Prêmio “Melhor Livro”, na categoria de Reconto, pela FNLIJ, em 2008

tidade. *Histórias tecidas em seda* foi lançado no Rio de Janeiro, no Salão de Livros Infantis em 2008 e nesse mesmo ano em João Pessoa, na Feira Japonesa que aconteceu no Espaço Cultural.

O título do livro *Histórias tecidas em seda* condiz com a própria tessitura verbal dos contos e com a leveza e transparência das ilustrações. Os contos, na pena versátil da autora e na companhia de seu pincel mágico, adquirem independência e vida própria. É composto de três contos: “O pássaro do poente”, “Hachikazuki” e “Tanabata”. Na última página do livro, o leitor encontra informações sobre as histórias e um pequeno glossário com explicações a respeito das palavras em japonês que aparecem nos contos.

O primeiro, “O pássaro do poente”, apresenta uma história que se passa no inverno. Nesse período, impera a neve no Japão. Yosaku, o protagonista, é um jovem camponês que certa manhã de inverno encontra uma cegonha ferida na asa por uma flecha, recolhe a ave e trata carinhosamente do ferimento. Os olhos da cegonha demonstravam profunda gratidão. Depois de recuperada, alçou voo e desapareceu atrás das montanhas. Certo dia ele ouviu uma batida na porta, foi atender, era uma moça de quimono branco que pedia abrigo por uma noite. A moça chamava-

-se Otsú e passou a morar definitivamente na casa de Yosaku, estavam muito felizes vivendo juntos e resolveram se casar. A mulher era exímia na arte de tecer e começou a produzir tecidos maravilhosos que Yosaku vendia nas feiras. O ato de tecer passa a ser motivo condutor do conto. Ao lado da gratidão surge ambição e curiosidade e o conto termina de forma melancólica.

O segundo, “Hachikazuki”, é a história de uma forte ligação entre mãe e filha. No leito de morte, a mãe chama a filha e põe um hachi (que é uma espécie de vaso) na sua cabeça como se fosse um chapéu. Esse vaso parece um incômodo, mas é uma espécie de arma protetora. Durante muito tempo ela terá que conviver com o hachi sobre sua cabeça. Esse conto segue um ritual de iniciação, muitos caminhos serão percorridos até a moça atingir a maioridade, livrar-se do hachi e encontrar a felicidade.

O último, “Tanabata”, é considerado uma lenda e tem sua origem na China. É a história de uma “tennin”, um ser divino, celestial, que mora acima das nuvens e que se apaixona por um ser humano (um rapaz). Este conto liga-se a festa que acontece todos os anos no dia 7 de julho, no Japão – a festa de Tanabata. Nessa data, as ruas e praças ficam enfeitadas com ramos de bambu para comemorar o Festival das Estrelas. É o dia do encontro de uma tennin com o seu amado.

Os três contos apresentam uma linguagem poética e musical. As ilustrações são leves como a seda, ricas em transparências e de grande beleza cromática. Existe um diálogo perfeito entre o texto verbal e o pictórico, acrescido de referências à música e à poesia. Linguagem poética, pintura e música trilham o mesmo caminho. A beleza desses contos pode ser associada à “Sonata ao luar”, de Beethoven. Um quadro de Nakajima, o pintor do vento, completaria o cenário.

Após a leitura do livro surge a pergunta; o que é mais bonito – o texto verbal ou as ilustrações? A resposta é difícil. É realmente uma tessitura perfeita entre a linguagem verbal e a pictórica. ▶

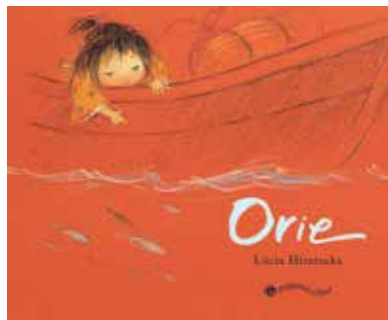
➤ Seguindo o mesmo percurso de valorização de memórias ligadas às suas raízes étnicas, Lúcia Hiratsuka escreveu e ilustrou *Orie* (Pequena Zahar, 2014), utilizando papel craft, o carvão e pastel seco. Este livro teve o mesmo destino de *Memórias tecidas em seda*, recebeu o Prêmio de Melhor Livro para Crianças da FNLIJ, em 2014, e constou do catálogo da Feira de Bolonha no mesmo ano. Recebeu, ainda, o Prêmio Monteiro Lobato da *Revista Crescer*, em 2015, e foi considerado o Melhor Livro Infantil do Ano pela mesma revista.

O título do livro é uma homenagem à avó da escritora, Orie, grande contadora de histórias japonesas e se reporta aos acontecimentos vivenciados por essa avó querida que povoou a infância da menina Lúcia com lendas e contos. Nesse livro, não faltam fatos ligados à cultura japonesa e à vida de sua família.

A história se passa no Japão no tempo em que os barqueiros camponeses navegavam pelos rios para vender suas mercadorias nas feiras das cidades. A viagem de barco era marcada por surpresas, imprevistos e alegria, principalmente para a menina (Orie) que estava descobrindo o mundo. O barco tem a força simbólica de um ninho aconchegante. Veja-se esta passagem: “O barco parecia um ninho. Pai, mãe, Orie que nem passarinho”.

“O tempo passa e passa...” A menina cresce, seus passos crescem também. Orie se torna uma mocinha e uma nova vida a espera. A memória afetiva de Orie remete a um lugar repleto de carinho e de aconchego. O rio tão frio, tão bom, tão sombrio, para lembrar versos de Cecília Meireles, ficou para longe, ficou no país do sol nascente. Um rio, sempre um rio, acompanha a vida dos habitantes, tanto nas pequenas como nas grandes cidades. Por mais insignificantes que sejam os rios têm suas histórias e seus encantos. Está presente na lírica dos poetas e de escritores de várias nações.

Em que parte do Japão estaria localizado o rio que os pais de Orie navegavam? Não importa. Era um rio como outro qual-



Orie (Pequena Zahar, 2014), também recebeu o Prêmio “Melhor Livro”, na categoria Criança, pela FNLIJ

quer, mas que deixou profundas marcas na menina que via naquele rio um lugar de sonho e devaneio. O rio japonês não é o mesmo de Cecília Meireles, mas guarda afinidades poéticas.

Sobre *Orie*, a escritora escreveu um bonito texto que fala, de forma muito carinhosa, daquela avó que povoou a imaginação da neta com belas histórias japonesas. O registro dessas palavras se encontra na última página do livro *Orie*:

Orie foi uma avó muito querida. Ela gostava de contar suas lembranças de quando criança, as viagens de barco com os pais, as pequenas alegrias e também as tristezas. Que encanto saber que meus bisavós foram barqueiros! Eu adorava ouvir essa história. Orie saiu do Japão e chegou ao Brasil perto dos vinte anos. Mas o seu furusato (terra natal) continuava na sua memória do jeitinho que havia deixado. Orie dizia que isso lhe dava forças para enfrentar qualquer dificuldade.

Os livros de Lúcia Hiratsuka trazem a marca da simplicidade e se caracterizam por grande beleza literária e pictórica, muitos desses livros são ilustrados com a técnica do sumiê. Sobre a pintura em sumiê, ela afirmou: “A prática do sumiê e do haicai me levaram a buscar o simples e o essencial.”

Com a avó, que viveu 104 anos, a escritora aprendeu, entre muitas outras coisas, que “furusato” é onde a gente nasce. Mas, também, é o lugar aonde vamos em pensamento, quando estamos tristes ou felizes. Com o avô, aprendeu

a olhar livros ilustrados. Hoje ela tenta recriar lugares mágicos através das palavras, dos desenhos, da técnica do sumiê, e escreve livros cheios de sutilezas e de elementos simbólicos.

O universo de livros infantis de Lúcia Hiratsuka é bem vasto, todos os anos a autora publica cerca de dois ou três livros, recorrendo sempre à temática que conduz à terra de seus antepassados. A memória, a biografia e autobiografia podem gerar bonitos textos, o essencial é saber captar com poeticidade as marcas do passado.

Em 2018, a escritora publicou *Chão de peixes*, um livro de poesia (haicais), com belas ilustrações em sumiê. Neste livro, a autora retoma, mais uma vez, uma de suas temáticas recorrentes – a memória.

A avó é sempre a fonte de inspiração para seus textos narrativos ou poéticos. E vem esta revelação - quando era bem pequena, a avó rabiscou um peixinho no chão da terra do quintal, Lúcia gostou tanto do desenho que nunca mais parou de desenhar. Já foram muitos livros escritos e ilustrados que receberam prêmios importantes no Brasil e no exterior.

Os poemas de *Chão de peixes* estão ligados intrinsecamente ao quintal da casa do sítio Asahi, interior de São Paulo, lugar de nascimento de Lúcia e onde passou parte de sua infância. Tudo remete a esse passado que deixou muitas saudades e boas lembranças.

Há muita coisa guardada nos livros dessa escritora/ilustradora para ser desvendada. A história dos japoneses que vieram para o Brasil está sendo contada em conta-gotas. É preciso conhecer um pouco mais da literatura de quem sabe reunir com mestria artística a linguagem verbal e a pictórica. ✦

Neide Medeiros Santos é professora e crítica literária, tem livros e artigos publicados na área de leitura e de literatura infantil, é colunista do jornal *Contraponto* e leitora votante da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil. Mora em João Pessoa (PB).

A saga

DE UM POVO
QUE NÃO
SE CANSA DE SER
épico

Linaldo Guedes

linaldo.guedes@gmail.com

Políbio Alves é um autor premiado nacionalmente, traduzido em países como França e Cuba, numa trajetória ímpar que não faz concessões a igrejinhas literárias. No mais das vezes, busca manter sua própria coerência literária, sem abrir mão de suas convicções. Sem abrir mão de seu talento, acrescentaria. Silenciosamente, vem construindo uma trajetória poética com pontos altos, acima da média, a exemplo de *Varadouro* e *Exercício lúdico*. Agora ele chega com o primeiro livro da Editora Arriabaçã, intitulado *Acendedor de relâmpagos*.

É um livro épico, como épica tem sido a poesia de Políbio Alves. A saga de Antônio Lavrador, do camponês, a saga de nossa gente, de nosso país, sempre a ser explorado pelo que vem de fora. Uma narrativa de fôlego que traz de volta o Políbio de *Varadouro*, num texto lírico, mas também forte, explícito, dolorido. Não poderia ser diferente em um livro que começa com uma epígrafe de Derek Walcott, poeta das Antilhas, Prêmio Nobel de Literatura de 1992, autor de *Omeros*, um dos mais belos poemas de todos os tempos. “Isso era história. Eu não tinha poder para mudá-la. E, no entanto, ainda sentia que isso já havia acontecido antes”, diz a epígrafe.

E é isso que o leitor entende. O narrado nas páginas de *Acendedor de relâmpagos* já havia acontecido antes e nem temos esperança de que não acontecerá mais. Essa impressão é reforçada a partir, também, da original seção de epígrafes da obra. Com tre-

chos de livros e obras de autores como Castro Alves, Eduardo Galeano, Darcy Ribeiro, James Joyce, José Saramago, Eugênio Montale, Júlio Cortázar, Federico García Lorca, Karl Marx, Arthur Rimbaud, Oswald de Andrade, Jorge Amado e Raduan Nassar, entre outros. Revolucionários da linguagem e da forma de pensar o mundo, a sociedade, o homem, sobretudo.

Acendedor de relâmpagos começa com um “Oráculo”, como

se o poeta quisesse dar a nós, leitores, a resposta para tudo que se desenrolará nas páginas do livro. E aí, das vísceras da lavoura, surge Antônio Lavrador, fadado a ser enterrado numa cova rasa, a ter o corpo tombado por qualquer tocaia com o aval latifundiário, como diz o poema. Afinal, desse lado do Equador a morte é imposta ao camponês e os corpos ficam insepultos à beira de estrada.

Essa sina não é de agora. Vem desde quando a chegada intempestiva das primeiras caravelas, alerta o poeta. Até mesmo em pequenas províncias, como a Baía de Acaütibiró, que depois se tornaria Baía da Traição, após sangrento conflito entre os portugueses e os potiguaras, para findar na Capitania da Parahyba. Tudo narrado na obra de Políbio, com ritmo, com fôlego, com lamento. Como um interstício até a volta da saga camponesa. Até o retorno dos encarapuçados que rondam e metralham lavouras:

Das capitánias
Hereditárias
à historiografia
da Reforma Agrária,
nosso solo permanece espólio
do investidor estrangeiro.

Os “Prenúncios”, na segunda parte da saga, anunciam os acontecimentos tristes que virão. É “sob o relicário do sertão/ extermínio e sagração”. Neste roteiro, sobram emboscadas, florescem a embolia agrária, a morte bruta, dores que nem mesmo quando a lavoura é farta se ameniza. Até porque a partilha com o feitor continua, a tessitura das oligarquias é mantida e verdejam também os astutos, os tributos.

“Quíron”, a terceira parte da obra, busca trazer uma resposta, se não pela lógica, mas pela palavra, pela poética. Neste sentido, o poema “Amanhecência” é síntese da força, da importância, da grandeza épica de Antônio Lavrador. Para Políbio Alves, “o poeta resgata o pré (texto)/ da impactante idiossincrasia/ sobre o inusitado da poesia”. Que a poesia de Políbio nos salve e acenda os relâmpagos da indiferença humana à sagas como a narrada nesta necessária obra. ✦

FOTOS: EDSON MATOS



Políbio Alves é o primeiro autor lançado pela Arriabaçã



Arqueologia das origens da arte

Carlos Alberto Azevedo
Especial para o *Correio das Artes*

Para Carlos Filho, Ingo e Andreas

Steven Mithen, um arqueólogo inglês, escreveu um dos livros de arqueologia mais significativos dos últimos anos do século XX, intitulado *A pré-história da mente: uma busca das origens da arte, da religião e da ciência* (1996), que se tornou um clássico da literatura arqueológica, ao lado da trilogia de Gordon Childe: *O que aconteceu na história* (1960), *Evolução social* (1962) e *Evolução cultural do homem* (1966).

Segundo o antropólogo Walter Neves, no prefácio à edição brasileira (2002) de *A pré-história da mente*, Mithen, tem desde sempre, se caracterizado pela inovação ao abordar temas candentes do processo evolutivo humano, ou da organização social das sociedades que nos precederam, lançando mão, sempre que possível, da teoria da cognição (Mithen, 2002: 10).

O que se pretende, neste texto, é realizar uma leitura das ideias de Mithen sobre as origens da arte - tema

central de *A pré-história da mente*.

Partindo da explosão criativa no Paleolítico Superior - Idade da Pedra Lascada (35.000 a 12.000 anos), explicaremos o que foi, de fato, o *Big Bang* das origens do universo da cultura humana.

BIG BANG DA CULTURA HUMANA: AS ORIGENS DA ARTE

Sabemos que um dos momentos decisivos da pré-história foi a transição do Paleolítico Médio ao Superior. Nesse cenário apareceu o *Homo sapiens sapiens*. Há uns 40.000 anos aproximadamente.

Assim, então, todo cenário estava bastante propício para a explosão cultural. Segundo Mithen e outros cientistas cognitivos é exatamente no Paleolítico Superior que eclodiu o *Big Bang* da cultura humana - uma verdadeira explosão cultural. Data em que apareceram maravilhosas pinturas rupestres e objetos de arte.

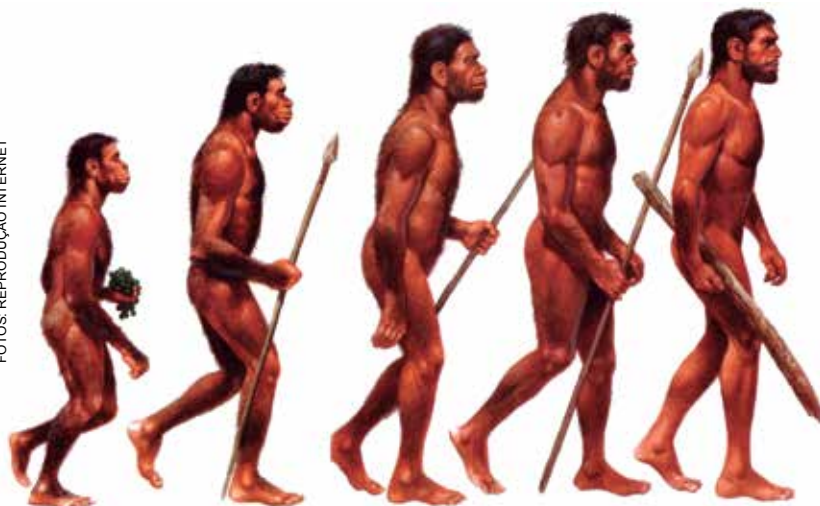
Mas o que caracterizou o *Big Bang* foi a fluidez cognitiva do *Homo sapiens sapiens*. Sem dúvida, ele estava apto para assumir vários processos cognitivos simultaneamente.

Além disso, a conexão entre os processos cognitivos possibilitou uma "vida interior" rica e cheia de significados - dando assim margem para produzir uma abundante documentação gráfica, como salientou Mithen. Altamira, Lascaux e Chauvet, "onde em 1994 se descobriram imaculadamente preservadas, as mais antigas e belas pinturas rupestres do mundo". Estas cavernas são "arquivos" vivos da arte rupestre do Paleolítico Superior.

Steven Mithen enumera os processos cognitivos que foram responsáveis para a produção da arte no Paleolítico Superior:

Os três processos comunica- ▶

FOTOS: REPRODUÇÃO INTERNET





▶ tivos cruciais para a produção da arte - a concepção mental de uma imagem, a comunicação intencional e a atribuição de significado - estavam todos presentes na mente humana arcaica. Foram encontrados, respectivamente, no domínio da inteligência técnica, social e naturalista. Mas a criação e o uso de símbolos visuais impõe que eles funcionem “juntos harmonicamente”. Isso exigiu “ligações entre domínios”. E o resultado disso seria a explosão cultural (Mithen, 2002: 262).

Mithen esclareceu bem a questão:

Observamos realmente uma explosão cultural começando há 40.000 anos na Europa, com a produção dos primeiros trabalhos artísticos, e eu sugeriria que isso pode ser explicado por novas conexões entre os domínios das inteligências técnicas, social e naturalista. Os três processos cognitivos antes isolados, agora funcionavam juntos criando o novo processo cognitivo que podemos chamar de simbolismo visual, ou simplesmente arte (Mithen, 2002: 262).

Arte e escritura: enigmas

Em um dos tópicos de *A pré-história da mente*, Mithen se refere “A arte como informação armazenada”. Muitas vezes, diz Mithen “não há diferença entre uma peça de arte e um instrumento. A placa de osso gravada, da Garganta de Taï (França) é um exemplo disso” (Mithen, 2002: 275). Afirma Mithen:

Assim como as peças de osso



Acima, representação de um bisão na Caverna de Altamira, Espanha, na qual se encontra um dos conjuntos pictóricos mais importantes da Pré-História. Abaixo, Steven Mithen, arqueólogo inglês

gravadas, as pinturas rupestres também parecem ter sido usadas para armazenar informações sobre o mundo natural, ou pelo menos para facilitar a lembrança dessas informações ao agirem como dispositivos mnemônicos. De fato, essas pinturas foram descritas como “enciclopédia tribal” por John Pfeiffer (1982). Eu mesmo sugeri que grande parte das imagens de animais dessa arte serve para trazer de volta à memória informações sobre o mundo natural que se encontram armazenados na mente (Mithen, 2002: 275).

Concordamos plenamente com Mithen, pois a pré-história é, de certa forma, escritura.

Nota-se claramente a presença forte da escritura vitalista do Paleolítico Superior em Altamira e, porque não, também em Chauvet, ver o filme *A caverna dos sonhos esquecidos* (Cave of forgotten dreams, 2010), do cineasta alemão Werner Herzog.

Assim como também a escritura geométrica do Neolítico na Pedra Lavrada de Ingá, na Paraíba. Toda a escritura da pré-história tem um sentido simbólico (Childe, 1966 e Mithen, 2002). Até hoje não foi possível revelar todos os significados profundos da arte rupestre (ver Paulo Seda: *A questão das interpretações em arte rupestre*, 1997).

Baseado nas ideias de Steven Mithen, desenvolvemos o mapa-escritura (ver Azevedo: *A escritura Neolítica da Pedra do Ingá*, 2008). Para nós, o mapa-escritura (painel rupestre) demarca o território X - ele tem, a nosso ver, um sentido simbólico (código) e está sempre cercado de poder mágico (escritura sagrada?).

O monumento lítico de Ingá é um mapa-escritura (Azevedo, 2008) no qual, provavelmente, estão implícitos o território (mundo), os mitos (feitos heroicos) e parte do universo/firmamento (sóis, estrelas, constelações e cometas). Trata-se da representação do mundo, ou seja, a visão do mundo dos povos neolíticos que se estabeleceram na área. Traduziram e demarcaram o mundo deles em linguagem geométrica (Azevedo, 2008).

De fato, o *Homo estheticus* da pré-história, graças a uma cognição avançada, nos deu “o testemunho de seu próprio mistério”...



Um traço de cor apenas sugerido, o corpo de um animal gravado na rocha... O homem começa a realizar gestos inéditos, como que para dar testemunho do seu próprio mistério.

André Langaney: *A infância da arte*, 2002 ■

Carlos Alberto Azevedo é antropólogo e escritor. Sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano (IHGP). Trabalha no Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba (Iphaep). Mora em João Pessoa (PB).



Sem cinema, você não lê W. J. Solha

Crítico literário relapso, só agora leio *Relato de Prócula*, romance do nosso W. J. Solha, publicado em 2009 pela Editora A Girafa e ganhador do prêmio João Fagundes de Menezes, da União Brasileira de Escritores, setor Rio de Janeiro.

Antes tarde que nunca. Que aventura extraordinária meter-se nessas páginas cheias de erudição, raciocínios engenhosos e belas imagens, e viver o drama desse padre paraibano que tenta suicídio depois de haver desempenhado o papel de Pilatos, em encenação pública da peça *Auto de Deus* em João Pessoa.

Nascido de um estupro, hoje herdeiro da fazenda Mundo Novo, nos arredores de Pombal, interior da Paraíba, o padre é rico, bonitão, mulherengo, extremamente culto e... cinéfilo. (Chego já aí).

O que teria levado o padre à tentativa de suicídio? A narrativa vai e vem em torno da pergunta. Aparentemente, no instante da peça em que se depara com o

rosto em close do filho de Nazaré, teria lhe caído o insight que vem do relato da esposa do personagem que interpreta – Prócula. Segundo o relato

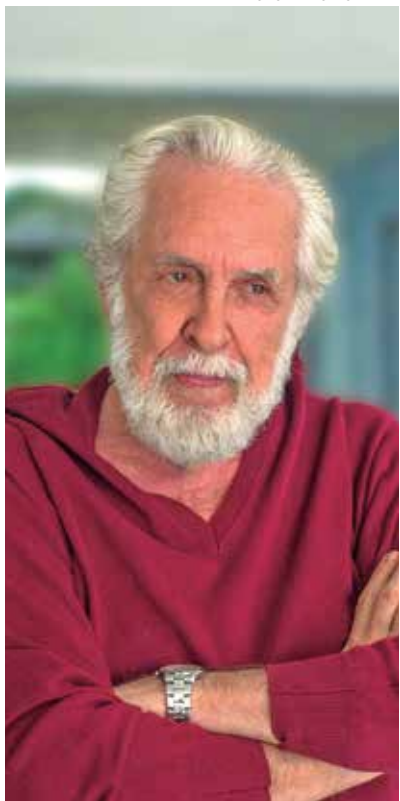
de Prócula, naquele gap em que nada sabemos da vida de Jesus, ele teria estado o tempo todo entre os romanos... e se romanizado, depois disso traindo a raça judia com um discurso pró-Roma.

A tese implícita é esta, mas, para usufruir do romance, você não precisa acreditar nela. Nem deixar de acreditar, se for o caso. Sem dúvida, estamos até certo ponto diante de um ensaio ficcional, ou uma ficção ensaística, o que dá no mesmo, mas onde a grade conceitual está tão amarrada às estruturas narrativas, actanciais e semióticas, que fica difícil a distinção de gênero. Ainda bem.

Para o leitor paraibano, que porventura conheça a trajetória artística de Solha, um aspecto curioso no romance é a sua relação com a realidade em torno. Muitos dos personagens são verídicos (muitos dos “extras” são citados pelos nomes, como William Costa, Roseli Garcia, Marcus Vilar) ou parcialmente transmudados para funcionarem dentro do enredo – caso certamente do Padre Martinho Lutero Libório.

Os cenários são conhecidos (Pombal, João Pessoa) e muitos dos fatos narrados de fato aconteceram, como – um exemplo chave – a produção do filme *O salário da morte* (1970), dirigido por Linduarte Noronha e copro-

FOTO: ANTÔNIO DAVID



W. J. Solha tem intimidade com o cinema - é cinéfilo e ator - e sua prosa e poesia trazem muitos elementos da linguagem cinematográfica

duzido pelo próprio Solha, no livro chamado de Rubens Bentacur. Aliás, se Bentacur é identificável a Solha, cabe dizer que praticamente todos os personagens do livro têm uma faceta do seu autor, este, uma espécie de Zelig às avessas.

Mas, atenção, não percam tempo com o elemento biográfico, pois *Relato de Prócula* não foi escrito apenas para o leitor paraibano. O livro foi escrito para o mundo e tem a dimensão do mundo. No futuro, que uma Crítica Genética corra atrás de sua “produção” e dela arranque revelações surpreendentes – este não é o meu propósito aqui.

A mim, chamou-me atenção o lado cinematográfico do livro. Para começar com o mais óbvio, a diegese: depois da tentativa de suicídio, depressão e dias no hospital, onde é que vamos encontrar o nosso protagonista, o Padre Martinho? Por acaso perdido no meio da aridez da caatinga, lamentando a insanidade do gesto cometido? Que nada! Para surpresa do leitor, vamos encontrá-lo em pleno programa de Jô Soares, sendo entrevistado, e a propósito de quê? Sim, de cinema. Feito um Ivan Cineminha, o padre dá um show de cinefilia que deixa todo mundo boquiaberto. Dele já sabíamos possuir uma verdadeira cinemateca em casa, mas o show televisivo...

Só não tem tanta surpresa com a cena o leitor que percebeu a qualidade cinemática do livro em sua inteireza, qualidade cinemática que não é só diegética, mas estrutural. Como nos diz um dos personagens, ao mesmo tempo verídico e ficcional, Dr. Atêncio: “Nós falamos de filmes... e fico pensando no quanto já temos do cinema entre nós, nessa maravilha que é a mente”.

Tantas são as referências do diálogo, ou dos relatos, ao mundo do cinema que quase não se vira uma página sem se deparar com uma delas – muitas servindo para a construção dos personagens, destacando características, reações ou motivações. Mas



Solha lançou o romance Relato de Prócula em 2009, pela Editora A Girafa

não é isso que pesa tanto: pesa a estrutura mesma do romance, que faz a leitura toda funcionar como o acompanhamento de uma projeção.

Em que pese o lado conceitual, ensaístico, do relato, as cenas são construídas com ênfase no visual, e se combinam como montagem fílmica, esta quase sempre feita a partir de um corte brusco (no livro, o espaço em branco entre parágrafos ou textos inteiros) que, como é comum ocorrer num filme, separa momentos bem diversos na narrativa e/ou no cenário. Isto, claro, sem quebrar o fluxo narrativo que, sem ser linear, é, contudo, coeso.

Outro elemento cinemático está na focalização. Como no cinema, os pontos de vista narrativos são múltiplos e, como no cinema, se misturam. Os pontos de vista limitados (os dos personagens) convivem com o ponto de vista onisciente (em princípio, o de Rubens Bentacur) e, mais que isso, se confundem, ao nível de suscitar uma indistinção. Em outras palavras, estamos, mais

uma vez como no cinema, no reino da paralepse.

Bem, se fosse citar exemplos da qualidade cinematográfica de *Relato de Prócula* acho que teria que transcrever suas 204 páginas. Mais prático e mais lógico é remeter o leitor deste comentário ao livro, com os votos certos de feliz leitura.

Dessa leitura fará parte a apreciação da capa do livro. Condizente com a visualidade prevalecte lá dentro, nela vê-se, supostamente, o rosto do Padre Martinho no papel de Pôncio Pilatos, naquele momento terrível em que, assombrado, descobre a verdade sobre o Nazareno. A rigor, quem conhece a trajetória do autor do livro, sabe que, na verdade, se trata de um detalhe do magnífico painel shakespeariano que Solha, o pintor, doou à UFPB, e que lá se encontra em permanente exposição. O detalhe, se não me engano, é do rosto, igualmente assombrado, de Coriolanus.

Mas antes de fechar este comentário: referi-me acima a Solha como um Zelig às avessas. De fato, os seus personagens quase todos roubam seus traços e, por exemplo, são, exatamente como ele, extremamente cultos. Com relativa frequência, suas falas sofisticadas derivam para longas enumerações eruditas, um item citado atrás do outro, como uma lista engendrada por um especialista. Embora essas longas listas de itens alheios ao contexto da diegese funcionem geralmente como dado argumentativo para uma ideia que o personagem, ou o narrador, defende, tais excessos de erudição podem se tornar incômodos para o leitor apressado, ou, se for o caso, podem mesmo soar inverossímeis.

Mas quem se importa? Isto é Solha no seu melhor estilo e – por isso mesmo – brilhante. A vontade é de aplaudir. ✦

João Batista de Brito é escritor e crítico de cinema e literatura. Mora em João Pessoa (PB).



*Hildeberto Barbosa Filho (esq.)
e José Nunes apresentam seus
novos livros na Academia
Paraibana de Letras*

Hildeberto de Zé Nunes

Francisco Gil Messias
Especial para o *Correio das Artes*

A verdadeira consagração de um autor se revela quando, ao lado das obras produzidas por ele, surgem aquelas produzidas sobre ele. É o que começa a acontecer, merecidamente, com nosso conterrâneo Hildeberto Barbosa Filho, poeta e crítico literário, recentemente contemplado com o ensaio biográfico *O poeta entre a serra e o mar*, de José Nunes, pela Editora Ideia. Pode-se afirmar que com isso assistimos ao começo da posteridade do escritor de Aroeiras, a Comarca das Pedras tantas vezes cantada em prosa e verso pelo filho ilustre que nunca a esqueceu.

Diz-se que cada biógrafo constrói, como uma escultura, seu biografado particular. É certo. E tanto é assim que nenhuma biografia é igual a outra, pois cada uma traz o olhar e o sentir pessoais de quem escreve, destacando alguns aspectos e atenuando outros da vida do biografado e interpretando fatos e situações a partir de sua própria visão de mundo e das coisas. Por isso, é justo dizer-se que o ensaio de José Nunes ora publicado nos revela o seu Hildeberto individual, ou, para usar a saborosa linguagem do interior, o Hildeberto de Zé Nunes, como certamente seria dito, com muita graça, no Cariri de Aroeiras.

Estando Hildeberto ainda em plena pujança criadora, sendo portanto o que poder-se-ia chamar de

“personagem em processo”, é evidente que o trabalho biográfico de Nunes é apenas um começo, aguardando posterior enriquecimento e uma finalização futura que esperamos demore muito. Enquanto isso, com o passar do tempo e com as novas obras e vivências de Hildeberto, sua biografia irá se expandindo a cada dia, trazendo novos desafios ao próprio José Nunes e certamente a outros biógrafos que haverão de surgir no rasto do ensaio inaugural.

Desbravar a vida de Hildeberto é antes de tudo adentrar a geografia de Aroeiras, sua terra-mãe, seu “condado mítico”, com sua paisagem aparentemente áspera, de pedra, cuja beleza guarda-se especialmente para aqueles que, nativos, sabem descobri-la amorosamente na solidão fecunda de seus descampados e serras. Parafraseando Drummond, que dizia que era de ferro no poema “Confidência do Itabirano”, Hildeberto poderia perfeitamente escrever versos como “Alguns ▶

▶ anos vivi em Aroeiras. / Principalmente nasci em Aroeiras./ Por isso sou triste, orgulhoso; de pedra./ Noventa por cento de pedra nas calçadas./ Oitenta por cento de pedra nas almas./ E esse alheamento do que na vida é porosidade e comunicação.”. Sim, porque Hildeberto tem muito do poeta mineiro, não só em sua poética, mas principalmente na personalidade reservada (e até arredia) e na maneira de ser e estar no mundo. Nosso paraibano, quem o conhece mais de perto bem o sabe, é homem de grandes silêncios, de ensimesmamentos perscrutadores, de uma justificada altivez orgulhosa das origens proclamadas e de uma tristeza (ou melancolia) que tem muito a ver com a pedregosa comarca, o cariri e a caatinga de sua infância, mas também, como já escrevi antes, com um natural sentido trágico da vida e do mundo, para usarmos a expressão tão cara a Unamuno. Em suma, podemos dizer que o que Itabira foi para Drummond, Aroeiras, em certa medida, é para Hildeberto, também ele um “gauche” abençoado por um anjo torto quando nasceu, e aí está todo um possível viés interpretativo de sua pessoa e de sua obra (principalmente a poética), a ser explorado pelos estudiosos.

Essa presença decisiva da paisagem da infância em Hildeberto, ele próprio a confessa quando afirma (e seu sensível biógrafo registra): “Carrego um cariri na memória, cultivo um patrimônio de sol, de pedra e poeira, trilhando as escarpas sombrias de uma terra árida e adusta que me habita os córregos do sonho e me alimenta a fantasia e a saudade.”. E poderia ser diferente? Duvido. Salvo se o poeta e crítico fosse infiel ao universo do menino que gostaria de chamar-se José e que foi dono do cavalo “Soberano”, seu inesquecível e insuspeitado professor dos caminhos de seu chão natal, ao lado de Dona Zulmira, a exigente mestra da primeira escola.

Para sempre marcado com o cenário e as lembranças dos primeiros anos, o poeta cumpriu o inevitável destino dos meninos interioranos de certa condição:

seguir inicialmente para Campina Grande, com suas frias noites acariciadoras, onde fez o ginásio e o clássico, e depois para João Pessoa, com seus tépidos ventos marinhos, onde se graduou, casou-se e fincou as raízes existenciais e profissionais da maturidade.

A propósito, a já longa relação de Hildeberto com a Capital das Acácias constitui hoje um aspecto importante de sua experiência. E a cidade não somente o acolheu como transformou-o em personagem inescapável de sua paisagem cultural, tal como foram, à sua época, um Virginius da Gama e Melo, um Juarez da Gama Batista, um Luiz Augusto Crispim, e como são nos nossos dias um José Otávio de Arruda Melo e um Gonzaga Rodrigues, por exemplo. Pergunto com meus botões: algum vereador já teve a feliz iniciativa de conceder-lhe um título de cidadão pessoense? Se ainda não, fica aqui a sugestão, pois que já é mais que tempo desse merecido batismo oficial, que honrará tanto a cidade quanto o homenageado.

Hoje o mais prolífico autor da história de nossas letras, com dezenas de livros publicados, Hildeberto é a grande e incontornável presença na vida cultural paraibana. É o contumaz prefaciador de livros, o apresentador de novas obras, seja ao vivo ou por escrito, o crítico pontual das produções literárias paraibanas, o participante informal dos eventos culturais de toda espécie, o acatado membro de bancas acadêmicas, enfim, aquela espécie de oráculo de nossa cultura aldeã e uma referência para além dos muros da província. E é, antes de tudo, um grande e voraz leitor, colecionador fetichista de livros, hoje dono cioso de uma respeitada biblioteca de dezoito mil volumes.

Sempre ao lado de Vera, a companheira de toda a vida, um traço marcante de sua individualidade é a fidelidade a si mesmo, ao Hildeberto da juventude e de sempre, um Hildeberto reservado, discreto, avesso às frivolidades mundanas, homem fiel aos seus valores, simples e sóbrio, sem prejuízo de suas pe-

riódicas, salutares e inspiradoras homenagens a Baco, nos bares de sua eleição e com os amigos escolhidos a dedo. Foi sempre e continua sendo essencialmente um professor, homem de sala de aula, um acadêmico a quem nunca seduziram as efêmeras e estereis sinecuras da Academia nem cargos burocráticos de qualquer espécie. É homem de sua casa, de sua vasta e protegida livraria, deliberadamente distanciado das intrigas das rodas sociais, acadêmicas e políticas, que sabe eleger com cultivada sabedoria os seus poucos convivas, apenas com os critérios da amizade leal e da comunhão de sentimentos.

Fadado a ser apenas um fazendeiro do ar, como Drummond, terminou vendendo sua parte na propriedade herdada dos pais na Aroeiras mítica, mas lá tratou de construir para si um refúgio rural em sítio amorosamente escolhido. E foi bom que fosse assim, porque desse modo ele tem motivo constante para retornar à sua Comarca e realimentar-se das inspirações telúricas que tanto enriquecem sua obra.

Em Aroeiras, ele pode ser chamado de Hildeberto de Dona Claudete, sua mãe, ou de Hildeberto de seu Hildeberto, seu pai. Entretanto, para nós, seus leitores litorâneos, por enquanto ele fica sendo Hildeberto de Zé Nunes, seu inspirado biógrafo e admirador, ao qual nos juntamos todos no justo culto de uma admiração que só faz crescer, cada vez mais. ❖

Francisco Gil Messias, paraibano de João Pessoa, onde reside, é bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e mestre em Direito do Estado, pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). É membro da Academia Paraibana de Filosofia e do Instituto de Estudos Kelsenianos. Publicou os livros *Olhares - poemas bissextos* e *A medida do possível (e outros poemas da Aldeia)*. Contato: gmessias@reitoria.ufpb.br.

Us and them



Para Cairé Andrade

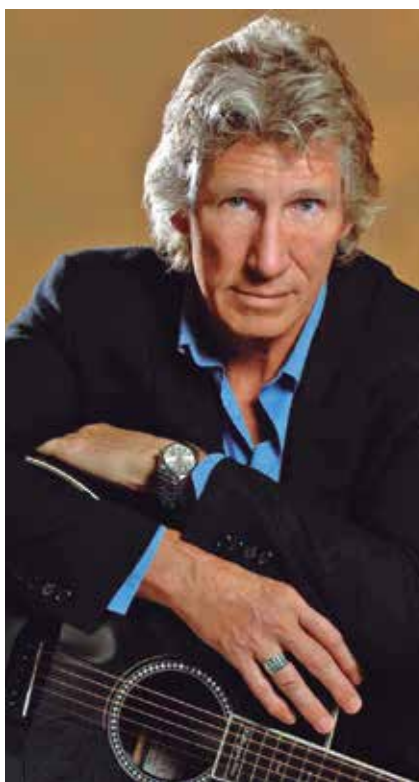
Humanista por excelência, José Saramago se preocupava com os problemas do Brasil, não só por compartilhar a mesma língua, admirar nossa literatura e nossa música, ou porque a cultura e a História de seu país estão na base da formação do povo brasileiro, mas, especialmente, pelo afeto que o ligava a nós. E não só a nós brasilei-

ros. Como intelectual de seu tempo, fez de sua fala, tanto pela literatura, quanto pelas entrevistas e conferências que proferiu por esse mundo afora, uma voz sobre as mais complexas questões humanas. Pensar em Saramago é pensar em humanidade num sentido amplo; é pensar, também, em amor pela humanidade.

Por toda a sua obra, e mais representativamente no ál-

bum *The Wall*, Roger Waters faz de “muros” um tema recorrente. Muros em seus sentidos literais e, também, metafóricos. Muros como censura e como proteção, sem que a segunda elimine a primeira ou o contrário (a canção “Mother”, por exemplo, trata do muro, também como forma de proteção), fronteiras imaginárias, fronteiras materiais, limites, repressões, castrações etc. Noutras palavras: cerceamento da liberdade em seus mais diversos aspectos. Ao tratar do tema da liberdade (e de sua ausência) acessa os assuntos mais caros ao ser humano: amor, solidão, perda, injustiça, guerra, fascismo. Portanto, numa outra via e por outro material artístico, diferente de Saramago, porém num mesmo sentido, Waters também faz de sua obra expressão das complexidades humanas. ▶

FOTOS: REPRODUÇÃO INTERNET



José Saramago (esq.) e Roger Waters: “Duas mentes e dois corações voltados para os mesmos problemas humanos”

► Duas mentes e dois corações voltados para os mesmos problemas humanos, e extrapolando o círculo social e cultural que os compõe, ou seja, voltados para os problemas da humanidade num sentido mais planetário. Dois realizadores de arte em sua função mais genuína: a função de mostrar as belezas humanas, mas, também, os seus erros, ou seja, a função de protestar. Dois defensores dos Direitos Humanos. E, nesse ponto específico, Saramago vai mais à frente, como propositor da “Carta Universal dos Deveres e Obrigações dos Seres Humanos”, documento inspirado no discurso em Estocolmo por ocasião do Prêmio Nobel de Literatura. Nessa carta, Saramago apresenta como primeiro artigo, a declaração de que todas as pessoas têm “o dever de cumprir e exigir o cumprimento dos direitos”.

Ambos são fontes de inspiração para refletirmos mais ampla e profundamente sobre qual é o nosso papel como seres humanos num tempo e num espaço dominados por ideologias tão adversas. Não só pelo que canta (um) e escreve (o outro), mas, também, pelo que expressam em suas falas e ações, pelo idealismo que os define. Assim é possível observar uma aproximação entre os dois: no campo do ativismo em defesa dos Direitos Humanos; na relação que estabeleceram com os problemas do Brasil, cada um a sua maneira.

Ensaio sobre a lucidez (2004), por exemplo, é um romance de José Saramago que questiona a democracia no mundo contemporâneo. A possível vinculação do seu enredo e suas reflexões com a situação política do Brasil é inspiradora. Lembro-me,

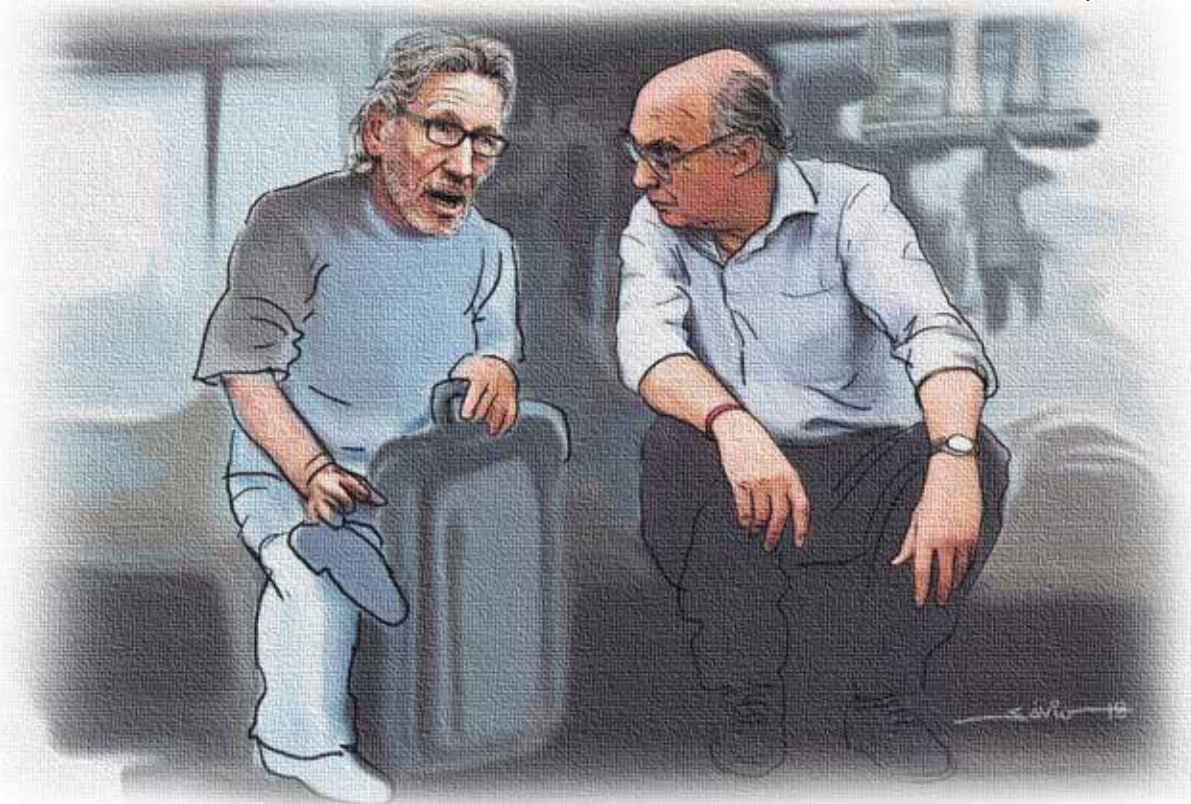
inclusive, da frustração de Saramago quanto à recepção do livro na América Latina e, sobretudo, no Brasil, quando do seu lançamento. O escritor esperava uma maior aceitação dos leitores latinos pela provável identificação com o tema. E, antes mesmo de lançar *Ensaio sobre a lucidez*, Saramago, juntamente com Sebastião Salgado e Chico Buarque, assinaram *Terra*, livro sobre trabalhadores rurais, que reúne mais de cem fotografias de Sebastião Salgado, prefácio de José Saramago e um CD com quatro canções de Chico Buarque. Os três doaram os direitos autorais sobre a edição brasileira para o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST).

Também humanista por excelência, Roger Waters defende os Direitos Humanos quando protesta contra o neofascismo nos shows que realiza pelo mundo afora. Seu protesto parte de suas próprias canções e se estende para cenas de palco e projeções de imagens icônicas e de frases de efeito. Isso porque boa parte de sua obra é dedicada à crítica ao fascismo que vitimou seu pai quando Waters ainda tinha cinco meses de idade. Em sua última turnê pelo Brasil, *Us and Them*, Waters desagradou parte do seu público em várias cidades brasileiras, entre outubro e novembro deste ano, por projetar no telão frases e expressões diretamente relacionadas ao contexto brasileiro atual, ligando, por exemplo, o tema do neofascismo, bastante presentificado em sua obra, como tema que também condiz com o Brasil de nossos dias. Numa plateia supostamente dividida meio-a-meio, acenderam-se os sentimentos mais adversos de amor e de ódio, de admiração e

de repulsa, de respeito e de intolerância, de gratidão e de má educação.

Saramago foi uma criança muito pobre, que aprendeu a ler tardiamente. Essa criança se transformou no escritor em língua portuguesa a receber o Prêmio Nobel de Literatura, em 1998. Em *As pequenas memórias*, epigrafou o seguinte: “Deixa-te levar pela criança que foste”, referência a *O livro dos conselhos* que, curiosamente, não existe, conforme se soube depois, em um de seus diários, intitulado *Cadernos de Lanzarote IV*. Waters foi uma criança que sonhou, como toda criança, que teve sonho específico que se repetia: sonhava com um mundo sem muros. De certo que foi isto que o inspirou e o motivou a compor *The wall*, uma de suas obras mais conhecidas e de inegável qualidade musical e poética.

No campo da ficção, mas pelo seu caráter verossímil, imagino possível uma conversa entre Saramago e Waters. Porém, no campo da realidade factual, dada a distância em que viviam, não só geográfica, mas pela vida de cada um, seus propósitos e suas produções artísticas, por exemplo, talvez um soubesse da existência do outro, talvez se admirassem reciprocamente, talvez tivessem se conhecido pessoalmente (?). Saramago já não se encontra entre nós. Então, um tanto inocentemente, e inspirada nas crianças que ambos dizem ter sido, dou a vez à imaginação de um maravilhoso encontro dos dois numa sala de embarque em algum aeroporto, ou no hall de algum museu, ou durante alguma palestra de Noam Chomsky, no ano de 2018, num breve papo em língua portuguesa. ►



- ♦ – Olá, José. Não sei se você sabe quem sou eu.
- Sei sim. Você é o Roger Waters, o músico que abraçou o Brasil. Acompanhei as notícias.
- É justamente sobre o Brasil que gostaria de falar com você porque você conhece bem o país, sua cultura, sua língua, seus movimentos sociais.
- Tenho ligações muito estreitas com o Brasil, que transcendem os limites da diplomacia. Viajo para o Brasil sempre que sou chamado e posso. Tenho grandes amigos por lá.
- (silêncio)
- José, eu lhe vi dali de onde estava sentado e não resisti. Vim até você para saber uma opinião sua, a partir de um romance que você escreveu.
- Pois sim.
- *Ensaio sobre a cegueira* é um livro intrigante, pois trata de uma situação que, por mais absurda que pareça, estamos vivendo. Estaríamos mesmo cegos?
- Sim, pois compreendo que “a cegueira também é isto, viver num mundo onde se tenha acabado a esperança”.
- Não há esperança, porque vivemos uma profunda distopia.

Espalha-se um neofascismo pelo mundo e as pessoas cegamente aderem a essa ideologia, como se não soubessem da existência de Hitler e Mussolini, por exemplo. O que você me diz sobre isto?

– Vejo como a possibilidade de “um governo de cegos a querer governar cegos, isto é, o nada a pretender organizar nada.”

– Eu sempre espero reações negativas aos meus protestos em alguns lugares onde faço shows. Mas confesso que fiquei bastante chocado com a reação de parte da minha plateia brasileira durante a turnê que realizei por esses dias.

– Repara: “provavelmente ninguém terá notado até hoje como são absolutamente terríveis os gritos dos cegos, parecem eles que estão a gritar sem saberem porquê, queremos dizer-lhes que se calem e logo acabamos nós a gritar também, só nos falta sermos cegos, mas o dia lá virá.”

– Não gritei. Mas durante minha fala, lembrei das ditaduras latino-americanas. Falei também da fama de os brasileiros terem muito amor no coração e que sou um defensor dos Direitos Humanos, incluindo o direito de pro-

testar pacificamente sob a lei. Eu preferiria não viver sob as regras de alguém que acredita que a ditadura militar é uma coisa boa. Viver sob a ameaça de ataques com armas.

– Para mim, Roger, “ameaçar com uma arma já é atacar.”

(silêncio)

– Que bom poder tocar suas mãos e olhar nos seus olhos. Alguma esperança me resta. Ainda não estou cego.

– Assim estamos, pois, “diante das adversidades, tanto as provadas quanto as previsíveis, é que se conhecem os amigos.”

OBS: As falas de José Saramago entre aspas são trechos extraídos do romance *Ensaio sobre a cegueira*. As de Roger Waters são trechos adaptados de seu discurso durante show realizado em São Paulo, no dia 9 de outubro de 2018. ✦

Analice Pereira é professora de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB). Escreve sobre literatura e, vez ou outra, aventura-se pela ficção. Mora em João Pessoa (PB).

Doce azedo amaro: gosto em poesia

Alberto Bresciani
Especial para o *Correio das Artes*

E escrever sobre o trabalho de Theo G. Alves pode soar fácil. Mas não é. Recearia parecer excessivo, a ponto de trazer a desconfiança de buscar encobrir obra de qualidade duvidosa. Não teria, por outro lado, como restringir-me à discricção, quando, em Theo, enxergo uma das mais talentosas e sólidas vozes poéticas da contemporaneidade. E dispenso limitações geográficas. Eis aí o embargo quase paralisante.

A avaliação de um livro, certamente, passa pelo diálogo entre autor, leitor e texto. E, obviamente, evoca todas as circunstâncias que, do passado ao momento (da criação, para quem escreve; da apreensão, para quem lê), possam influenciar o produto dessa equação. Quando se trata de poesia, todas as coordenadas são postas em realce, porque se está em

ambiente onde a provocação não pode recair no morno, no mediano. A reação há de falar à pele, aos instintos, antes até de chegar à razão.

Pois bem. É sedutor o poder de transmutação da poesia, essa alquimia, que transforma a palavra fria em um prisma de imagens possíveis para o leitor, para o ouvinte. Essa faísca, que anima imagens e produz as mais fundas reações em quem as recebe. Um bom poema se evolui do papel e pode convolar-se em experiência definitiva e inesquecível – por apresentar um universo inédito ou por recriar capítulos de vida, encenando e justificando erros, acertos, queda e voo do leitor.

O maravilhamento vem do ineditismo das construções, das associações, tão originais, que somente ao gênio são possíveis, da delicadeza tal e tamanha, que logo passa à mais rascante brutalidade. Confirma-se na criação de estado poético em quem se depara com o poema de qualidade, com o poema no qual os sentidos, as coisas, os fatos recebem nomeação a mais surpreendente, embora não se perca de cada qual a identidade e a consciência.

São esses os Poetas (com letra maiúscula), senhores da linguagem que, sem abandono da técnica, do ritmo e da música, conseguem explodir revoluções em versos – desde sempre (sente-se, percebe-se, sabe-se) prontos dentro deles. Vasta, rica é a saga humana que esses sopradores de divindade revelam.

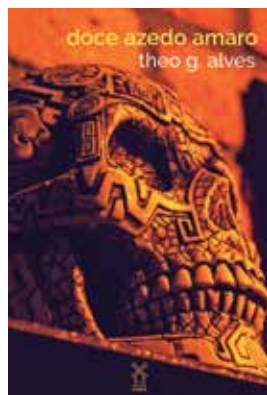
Liberdade exorbitante gera insegurança (trago de Bauman esta advertência). O campo aberto da poesia contemporânea é um desafio para o poeta. Impõe-lhe a dificuldade de não tombar nos modelos mais fáceis, em armadilhas de comodismo e decalque. A despeito de a poesia contemporânea abandonar escolas, vetores, moldes e amarras, parece que a iconoclastia, o emprego de imagens planas, extraídas das nebulosas de informações que preenchem nosso tempo, a síntese, o emprestar e o mesclar do fantástico à realidade são pontos presentes na melhor produção poética do pós-modernismo.

A poesia de Theo G. Alves reúne o que há de mais valioso em tudo o

FOTOS: DIVULGAÇÃO



Theo G. Alves reúne 49 poemas em seu novo livro, doce azedo amaro (Editora Moinhos, Belo Horizonte, 2018)



▶ quanto disse. O poeta, nascido em 1980, em Natal, mas criado em Currais Novos, sempre no Rio Grande do Norte, professor de literatura, publicou *A casa miúda*, contos, *Loa de pedra*, *Pequeno manual prático de coisas inúteis* e *A máquina de avessar os dias*, poemas, além de integrar as coletâneas *Tamborete* e *Triacanto*. Apresenta-nos, agora, *doce azedo amaro*.

Ainda escava, neste livro, com determinação e sabedoria, o recôndito. Fala de si, mas descobre e decifra o mundo com o que há de mais telúrico e com o que há de mais mágico. Não por acaso, creio, abre a primeira parte do livro, *amaro*, evocando Dom Quixote: explora a dicotomia que nos enuncia – homens de barro, plenos de falibilidade ou heróis de mármore, protótipos ideais.

São pungentes as personagens de Theo. Refletem e oferecem aprendizado. O Messias parte para o deserto, onde toda intimidade vem à tona. Deus feito homem busca, ali, a compreensão e a purga de seus medos, mas, enquanto homem, continuará fugindo, só e despido. Sim, os cortes estão nos destinos de todos. Sidarta hesita entre os extremos do desejo e do perfume das flores e sabe que a culpa, cor-

relata ao que se põe como pecado, revela-se no íntimo do homem nu. Yossel toma a palavra como salvação. Ovelhas e tigres – lâ e dentes – convivem no universo de contrastes que tão bem Theo apreende e imprime (“antes de haver / a poesia / só / silêncio / e / barulho”).

Não se foge do que, na vida, é *amaro*: “sobre a terra / tantas vezes pisada / sobre o doce / ainda vivo / das goiabas maduras / em casa / de minha avó / sobre o amargo / sempre sufocante / das rosas em meu peito”. Rosas e goiabas são, a um só tempo, natureza morta e viva, capazes de animar o granito pela poesia.

Poetas e leitores se traduzem na poesia: “o verbo feito carne / é o corpo do poeta – / o calvário deste cristo é / seu poema”. O poema passa da amargura ao que é azedo, liricamente *Azedo*: “o coração / de espuma tácita e / de bruta pedra fraturada // na alma / deste espantalho / senão / singelas esperanças / de amor”.

No entanto, o que se ameaça acre está pontuado de esperança. O poeta tem, como se comprovará, o poder de multiplicar sabores e dirá de amigos de outros tempos que retornam. Nesses poemas, a música, quem sabe, preencherá o mundo e

a hera crescerá como o esquecimento salvífico, um dia pode chegar ao fim e o tempo escorrerá, mas não a dor que planta no sangue. A insônia vem imersa em delicadezas e armadilha de tenazes.

Theo recorre ao extremo das imagens para sugerir o que apenas o leitor poderá afirmar. A emoção salta dos poemas e, afirmo, cumprirá o que da arte se espera. Estamos diante de poesia repleta de inscitos silêncios, mas que, enganosos, reverberam em alta vociferação. É assim que as mais marcantes memórias e experiências abraçarão o leitor.

Em *doce*, terceira e última parte da obra, a recorrente imagem da avó faz a anunciação. O lirismo, aqui, não se afoga no corriqueiro, no açucarado das abusadas palavras poéticas. Não. Jean Genet e André Gide se reúnem a Quixote: “o que há de mais / belo em teu desenho / dulcineia / são os olhos do quixote – / a insensatez / do amor / e da esperança”.

O belíssimo poema “Cantada”, entre os últimos do livro, reúne as feições que tanto encantam e impressionam na escrita de Theo G. Alves:

Cantada

– à maneira de *ferreira gullar*.
para *tatiana*

you é mais bonita
que uma noite de junho
em currais novos.

mais bonita
que todas as noites de junho,
aliás.

you é mais bonita
que os faróis dos carros
à noitinha
vistos do alto,
seguindo em procissão.

mais bonita até
que os devaneios de dom quixote
adoecido de amor e loucura.

you é mais bonita
que as goiabas maduras
e seus perfumes
paradisiacos.

mais bonita
que a tristeza dos palhaços
e
que uma improvisação de charlie

parker
tocada bem alto
enquanto se anda pela rua
num domingo de
manhã.

you é mais bonita
que o sofrimento delicado
de billie holiday
cantando in my solitude.

you é infinitamente mais bonita
infinitamente mais bonita
que este poema
e
que as lembranças dos avós
que já morreram.

Com perícia, Theo G. Alves dá corpo, em cada poema, à abstração das palavras, revelando seu espectro efetivamente ilimitado para cada um de nós. Reitero: oferece ao leitor, imerso em sensações extremas, na jornada entre o amargo e o doce, retorno ou caminho para seus próprios erros, acertos, quedas e voo.

Os limites do cabível para um prefácio não permitem a análise ideal da arte e da obra deste poeta que, agora, descreve partes da experiência humana com gosto (sentido e substantivo; metáfora e

adjetivo): sinestésias que transitam entre a língua (órgão) e a linguagem (instrumento bélico de comunicação).

Sobra o receio de não apresentar este livro ímpar com a merecida competência. Melhores vozes extrairão seu amplo valor. Talvez seja menos desafiador dizer de poucos cactos, perdidos na desolação do deserto, do que concentrar a atenção na multiplicidade de formas, espécies e sons da floresta tropical. Nesta mesma diversidade pulsante, que encontro em *doce azedo amaro*, ao menos uma pedra está no meu caminho e sua mensagem é, como de sua essência, maciça e irrecusável: Theo é Poeta (com letra maiúscula)! ✦

Alberto Bresciani nasceu no Rio de Janeiro (RJ), em 4 de julho de 1961, é poeta e ministro do Tribunal Superior do Trabalho (TST). Como poeta exigente e autocrítico, lançou os livros *Incompleto movimento* e *Sem passagem para Barcelona*. Bresciani é um poeta hermético e cuidadoso, capaz de dar beleza e profundidade aos seus versos de maneira que se tornem uma convidativa armadilha aos seus leitores, que devem dedicar-se aos versos como o poeta o faz.

Hóspedes do degredo

É tão razoável representar uma espécie de encarceramento por uma outra como representar qualquer coisa que realmente existe por qualquer coisa que não existe.

Daniel Defoe

Ronaldo Cagiano

Especial para o *Correio das Artes*

Escritora mineira nascida em Guarani, formada em Letras pela UFRJ e radicada em Londres há mais de uma década, para onde foi estudar Shakespeare, Nara Vidal acaba de publicar *Sorte* (Editora Moinhos, 2018), uma pequena obra prima, que emoldura, numa narrativa vigorosa e envolvente, o drama do deslocamento e da humilhação sofrido pelas mulheres, tão ancestral quanto a própria história dos povos. Autora, dentre outros, de *O curioso mundo de Amelie*, *O arco-íris em preto e branco*, *Viajar sem dinheiro & gafes internacionais* e *A loucura dos outros* (Editora Reformatório), criou em Londres o Capitolina Books, um projeto vitorioso e vitrine para a nossa literatura, que traduz e divulga autores brasileiros na Inglaterra e Europa.

Sorte estrutura-se em capítulos curtos, em cuja tra-

FOTO: REPRODUÇÃO INTERNET



Em Sorte, Nara Vidal aborda o drama do deslocamento e da humilhação sofrido pelas mulheres



ma o leitor depara-se com uma arquitetura formal sofisticada e repleta de imagens e simbologias. Sua leitura galvaniza tanto pela temática quanto pelo estilo que funde contenção e densidade, abarcando uma realidade que carrega outros dramas e conflitos íntimos e históricos. Um livro metafórico em todos os sentidos, em que a autora transpõe os domínios do realismo para instaurar um trânsito de transcendência, onirismo e magia, ao tomar como pano de fundo a fuga de uma personagem da situação de fome da Irlanda no início do século 19. Note-se, ainda, sua destreza em mesclar realidade e ficção, história e memória, que dão um tom de drama e denúncia, além do caráter epopeico (e ao mesmo tempo epifânico) ao relato.

Acreditando nas promessas de um novo eldorado no Brasil, o "Hy-Brasil" (aqui representado por uma ilha movediça e cheia de mistérios, que aparece a cada sete anos, como se fosse uma panaceia para os sofrimentos), vamos encontrar Margareth a fugir de um destino crucial traçado desde o ventre. Acossada pela miséria do país, a doença do pai (um homem castrador, machista e arrogante) vitimado pelo tifo, e por uma gravidez, sai da Irlanda em direção ao Rio de Janeiro. Ao chegar, percebe que foi vítima de mais uma cilada, quando o estado brasileiro, para atrair força de trabalho para suas terras numa economia incipiente, recebia levas de imigrantes, mas estes são tratados como escravos, submetidos a outros degredos, como a opção de serem enviados os homens para as guerras travadas no Cone Sul, na época em que o conflito cisplatino opunha Brasil e Argentina. A sedução do estrangeiro para quem fugia de condições miseráveis em seu país que vivia a fome da batata, atrai a família Cunningham, mas tudo se transformava em degre-

do e sevícia, diante da ilusão abortada ao chegar à nova terra.

Eis uma obra que não minimiza o olhar crítico, mas em clave de sutileza poética, sobre a má sorte dos que precisam fazer uma travessia para fugir ao deserto em que vivem, mas acabam por serem lançados numa outra aridez, além da territorial e geográfica, pois o pior *apartheid* será o sofrimento psicológico e a perda da identidade. *Sorte* mapeia esse passivo íntimo que atinge tanta gente desde os primórdios da civilização: deslocamento, perdas, solidão, desilusão, guerras, fome, doenças, um corolário de enfrentamento da opressão tanto política quanto religiosa e moral, onde quer que vivam.

Nesse percurso trágico reside um grande simbolismo: a fuga de Margareth e sua família, vivendo uma outra insularidade, além da pobreza na Irlanda, a material, financeira e a afetiva. Pois aí é movida ainda pelo castigo, por estar grávida, tendo que abandonar filho tão logo chega ao Brasil, um desiderato comum a tantas mulheres estigmatizadas e proscritas pela igreja naqueles tempos bárbaros de pseudo-moralismo e controle rígido dos costumes, quando as freiras são agentes que consumam a tortura maior, que é a venda dos bebês.

A autora trabalha habilidosamente a mitologia em torno não só desses refugiados de um tempo tão distante - mas tão análogos aos sírios de hoje, que sofrem e morrem nas águas do mundo e não sabem o que vão encontrar do outro lado - porque são expulsos de suas terras pelas contingências que os humilham, amedrontam e apequenam, quando os aguardam países e realidades movediças e a imprevisibilidade da sorte, apostando na loteria do "allea jacta est" da sobrevivência. Essa travessia do Atlântico, que durante 36 dias colocará em risco a vida de Margareth e suas irmãs Martha e Mary, e também seus irmãos, num périplo angustiante e imprevisível, é o pano de fundo para um delicado questionamento sobre o destino de pessoas e nações que, em suas experiências traumáticas, vivem sempre empurrados pelas

circunstâncias pessoais e históricas, obrigados a viverem seus confrontos com o mundo, mas na tentativa de escapar deles, numa espécie de Pessach às avessas, fogem de um cativo para cair em outra armadilha; vítimas das circunstâncias, tornam-se hóspedes compulsórios de um eterno degredo, pois substituem uma experiência existencial devastadora e excludente por outra tão aviltante e apartadora, colhidos pelo alçapão das instabilidades políticas e econômicas.

Uma narrativa sóbria, elegante, sem derramamentos, pontuada por uma história de crueza, mas povoada de sensibilidade e reflexão, em que tempos cronológicos e psicológicos são coerentemente trabalhados pela autora em simbiótica relação, traçando um contundente perfil da violência que se manifesta em todas as geografias e sentidos, conferindo à novela a expressão de libelo. *Sorte*, em sua impactante e não edulcorada verdade, vem traçar um roteiro ficcional sobre a gênese do nosso processo civilizatório, ao tocar em questões ligadas à vida, à morte, ao sofrimento dos excluídos e à vileza que afetaram, marcaram e dividiram uma família pela desterritorialidade e pela itinerância. A história culmina num simbólico e dramático epílogo às margens do mí(s)tico e velho Pomba, essas águas que atravessam a zona da mata de Minas e, que como diria um poema de João Cabral, "esse rio/ está na memória/ como um cão vivo/ dentro de uma sala." Na memória ficam seus personagens e sua luta e errância para fugir à dor e ao esquecimento, como essa Maria-va, escrava que tem seu papel na história, como repositório desse imaginário e dessa esperança que nunca se realiza, mas que carrega uma dimensão humana transcendental. ▀

Ronaldo Cagiano é escritor mineiro de Cataguases, autor de *Eles não moram mais aqui* (Prêmio Jabuti 2016, de contos), mora em Portugal.

**Uma narrativa
sóbria, elegante,
sem derramamentos,
pontuada por uma
história de crueza,
mas povoada de
sensibilidade e
reflexão.**

José Edmilson Rodrigues

4 POEMAS EM HOMENAGEM AO POETA ALBERTO DA CUNHA MELO

Desapartando

Não há parte que não esteja contigo, que possa o elo desapartar de qualquer tempo, abraço de vida e o regresso

da alegria depois do choro: visão de luz que já penhoro

e após a lágrima, o sorriso que trilha um céu de paixão, compreendendo se preciso

entender e amar no silêncio, teia de vida a que me rendo.

Rugas

Não sorria esperando volta se há na face uma ranhura, a lembrança torta, medonha, de tempo sem iluminura;

Dorian Gray traça e fantasia: ser jovem sempre dia a dia

e autor de vidas, personagens e enredos tortos de paixões, reflexos do espelho, miragens:

no caminho a recordação ludibriando o coração.

Retranca de proa

Axioma que o tempo empunha: não se desmuda uma retranca, tênue fronteira espaço-tempo, campo verde, página branca,

na trilha a brasa a vida encurta e as mãos do sol o verde furta,

os olhos cantam... E galopa o tropel da paixão que faz não saber se venho da popa

e se rumo à proa impulsivo: vem à toa um vento lascivo.

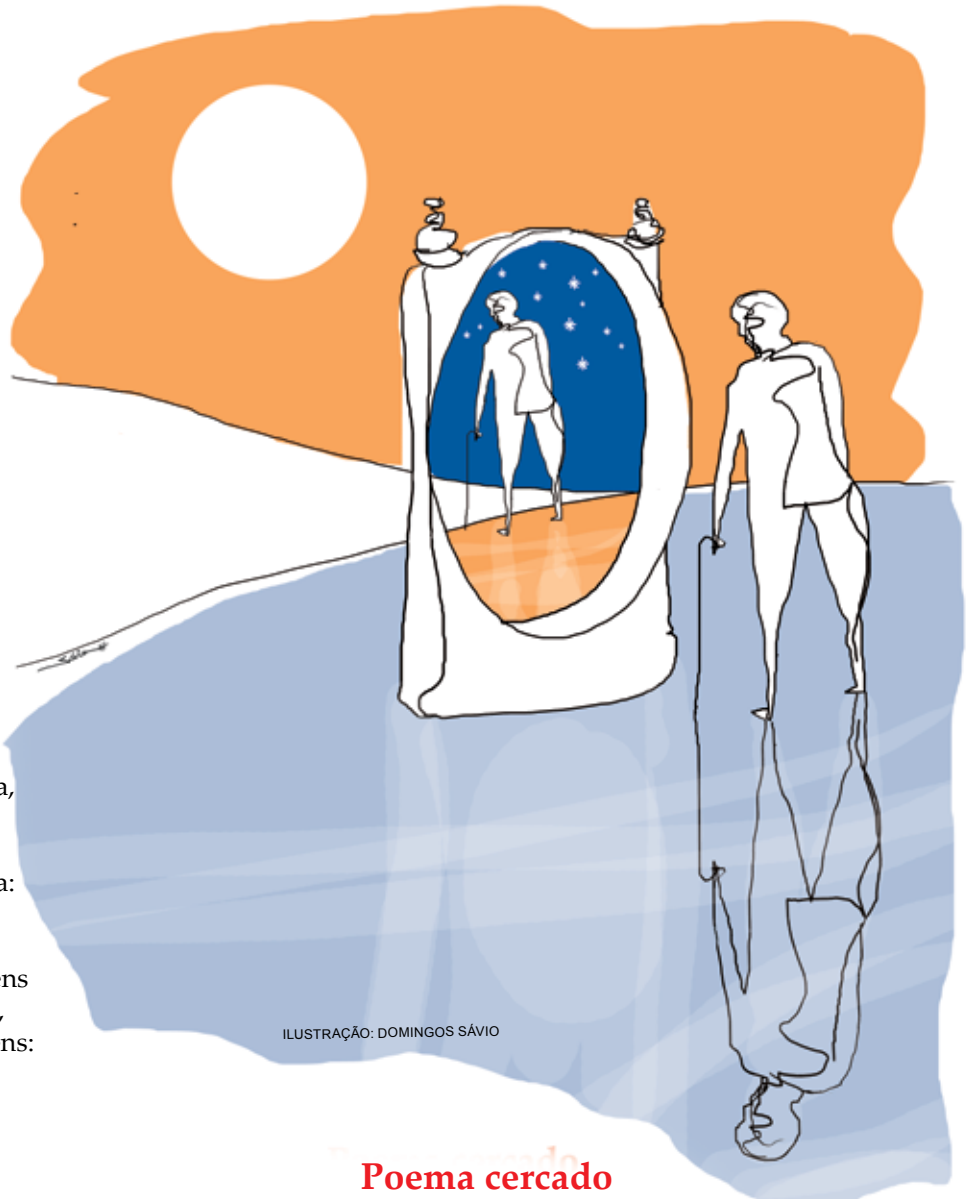


ILUSTRAÇÃO: DOMINGOS SÁVIO

Poema cercado

Não se cerque de ígneo poema nem se feche na vida líquida, deixe-a passear solta, livre, caminho afora, distinguida, e abato em Baudelaire o assente passado e o sentido presente,

penetro na força madura do poeta velho que alastra fogo entre boêmia e loucura,

centelha rasgante do dia, poema que a noite alumia.



José Edmilson Rodrigues nasceu em Campina Grande (PB). É poeta, ensaísta, memorialista, advogado, mestre em Literatura e Interculturalidade (UEPB), membro da Academia de Letras de Campina Grande (ALCG) e sócio efetivo do Instituto Histórico de Campina Grande (IHCG). É autor de *A solidão dos olhos e as vertigens do tempo* (Poesia, Mondrongo, 2018).

Cláudio Limeira

Antes da partida (*)

Chega-se a um tempo
em que vamos ficando mais sós.
Os da geração
vão escasseando
como peixes
em rios poluídos.

O luto já não choca tanto:
a morte vai se chegando
macia, despudorada, amiga
sorradeira, libertina, libidinosa
disfarçada em mil caras
já nem se esconde
mas mostra o rosto ostensivo
no enterro dos amigos.

Chega-se a um tempo
em que vamos
nos desamarrando da vida
como um velho navio:
– monstro ferido –
soltando as amarras do cais.

E no último momento
– *moritura nave* –
anuncia a partida
soltando um uivo
demorado e triste
apito rouco e lancinante
certeza de quem
nunca mais
vai encontrar o mar.

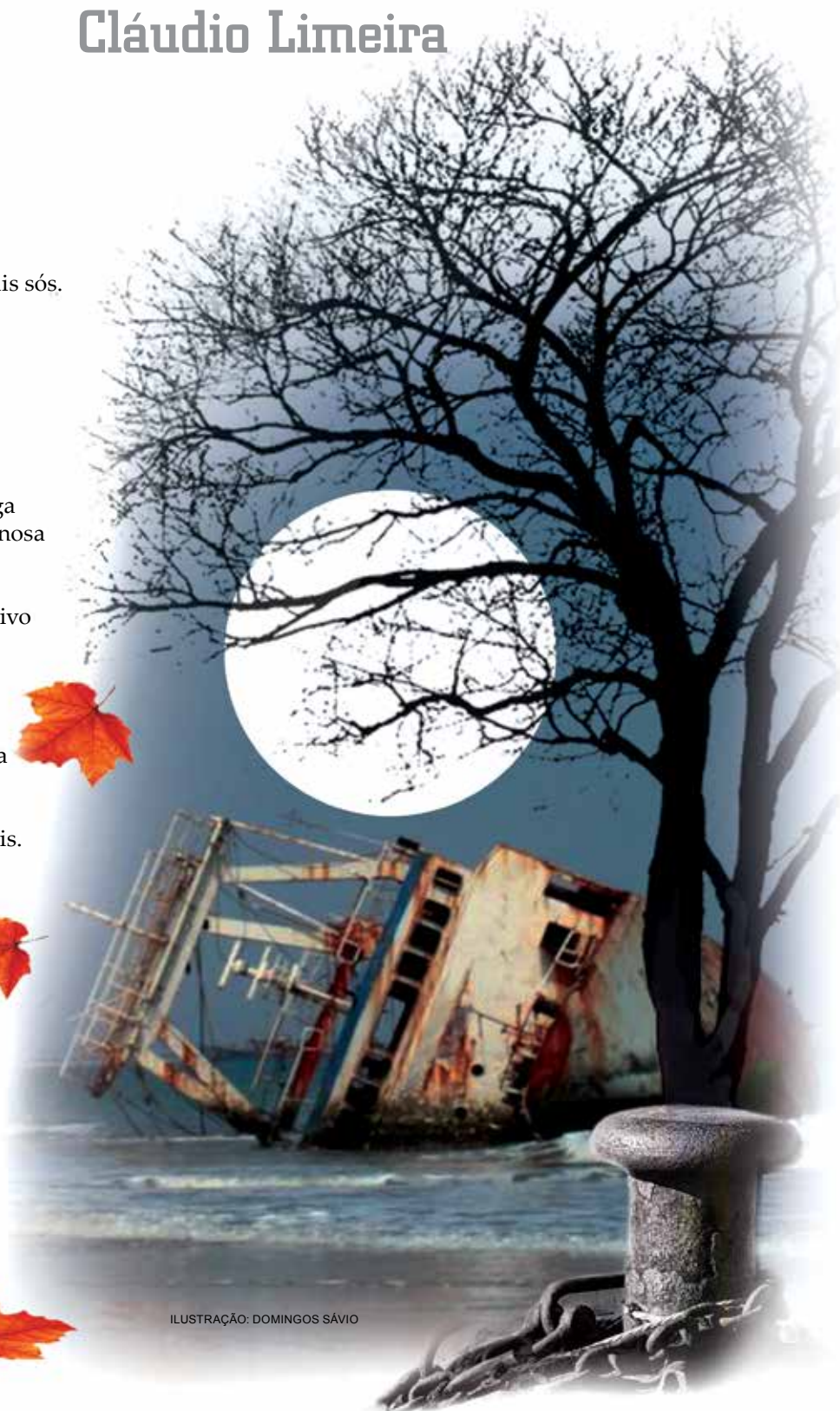


ILUSTRAÇÃO: DOMINGOS SÁVIO

(*) Orlando Tejo, Sônia van Dijck, Ronaldo Monte, Biu Ramos, Lourdinha Luna, partiram quase em sequência. Talvez estejam tramando um grande espetáculo para nos receber lá nas quebradas do céu. Este poema é uma homenagem a todos eles que em vida nos encantaram.



Cláudio Limeira é professor, poeta e contista. Editou o *Correio das Artes* de 1997 a 2002. É autor dos livros *Desafio*, *Cãotidiano*, *Remanso e Velejando - 35 anos de poesia* (inédito). Mora em João Pessoa (PB).

Irani Medeiros

Fértil

No sétimo dia
a terra é fértil
em séculos futuros
nascerá outro Ser
redimido das dores do mundo?

Pégasus

Ainda escreverei
os adágios da morte
no lombo de um Pégasus de fogo.
ainda serei um mapa
nas partituras das valas e velas.
ainda serei estátua
no vocábulo dos pássaros
nas brancas manhãs de silêncio.

Galope

Era um galope desesperado
a beira da engenharia do abismo.
Cavalo negro
ferindo desertas planícies
com seu áspero galope
nas ferraduras da intermitência.

Caminhos

Sentado nos vagos
trilhos da vida
busco os caminhos da alma
sonhei altos muros
para fugir do presságio
da última sombra noturna.

Janelas

Os pássaros sonham em mim
janelas coloridas
os pássaros sonham em mim
abstratos canaviais
os pássaros sonham em mim
silenciosos rios
cheias e vazantes
os pássaros sonham em mim
manhãs de canto livre.

ILUSTRAÇÃO: TÔNIO



Irani Medeiros é poeta e escritor. Nasceu em Pombal e mora em João Pessoa (PB). Os poemas publicados nesta página integram o livro de poesia inédito *Réquiem para pássaros*. É autor, entre outros livros, de *Fabião das Queimadas - de vaqueiro a cantor*, *Dois cegos cantadores* e *Todas as ilhas*.

As passagens benjaminianas:

leituras (final)



Comentando *O camponês de Paris*, de Louis Aragon, Vanessa Madrona, no ensaio “A metrópole moderna, o olhar surrealista: considerações benjaminianas”, dirá que “no título do romance [...], temos que a palavra *camponês* remete conceitualmente a condições de sociabilidade estabelecidas no campo, portanto, uma percepção não urbana, cujo ritmo é lento e constante. No entanto, este será um camponês diferente, pois seu olhar ensimesmado terá diante dos olhos a célere e mutante capital francesa: Paris”. Assim, o próprio título do romance “nos dá [...] uma pista da operação surrealista: reunir imagens aparentemente díspares em uma nova constelação”. Haveria um componente autobiográfico em *O camponês de Paris*. Cito outra vez Vanessa Madrona: “*O camponês de Paris* é o próprio Aragon que, para observar

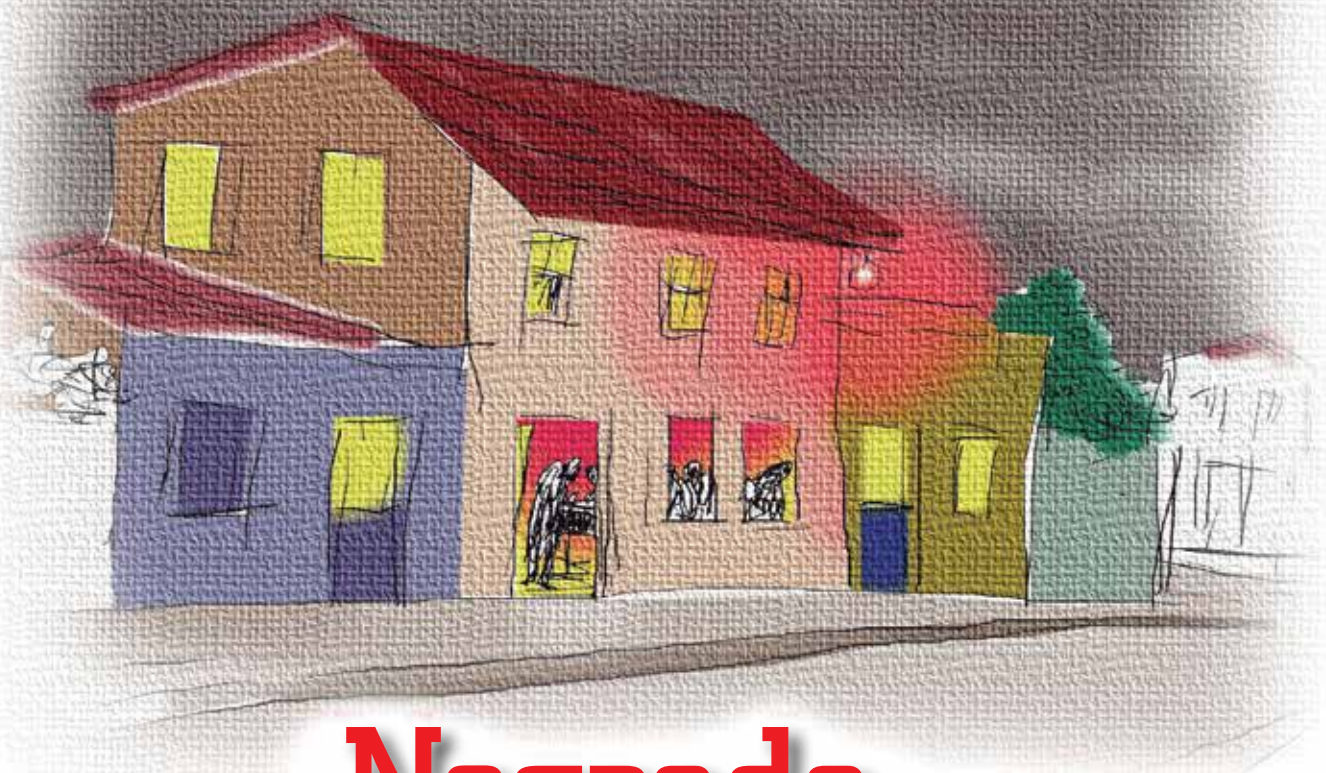
sua cidade – ele é parisiense –, vaga por suas ruas com um olhar de outrem, de forasteiro, atento à cidade, aos seus monumentos, edifícios, habitantes, ruas, jardins, parques, não se sujeitando ao embotamento da percepção que acomete os nativos que adquirem um olhar que se habitua ao que está diante dos olhos, e, por isso, deixa de ver criticamente”. Aragon buscaria a “luz moderna do insólito” que reina “[...] extravagantemente nessas espécies de galerias cobertas que são numerosas, em Paris, nos arredores dos grandes *boulevards* e que se chamam, de maneira desconcertante, de passagens”. Os surrealistas teriam mesmo essa intenção, a de “recolocar no pensamento as imagens” (cf. Vanessa Madrona). Melhor dizendo, a de reunir imagens de “maneira inaudita”, “a fim de desalojar as imagens do mundo exterior do lugar que elas tinham tomado o hábito de ocupar” (cf. Cassou, *apud* Vanessa Madrona). ❖

FOTO: REPRODUÇÃO INTERNET



Walter Benjamin
(1892-1940) foi
inspirado tanto pelo
marxismo, como
misticismo

Rinaldo de Fernandes
é escritor, crítico de literatura
e professor da Universidade
Federal da Paraíba. Mora em
João Pessoa (PB).



Negrada

Sandra Raquew Azevedo

Especial para o *Correio das Artes*

Esse texto estava guardado há quase vinte anos. Na verdade ele reflete um pouco sobre um episódio que nunca conseguiu sair da cabeça, ou ser verbalizado de alguma outra forma. Nos últimos meses, ao ver inúmeras imagens em diferentes meios, de pessoas fazendo performances gesticulando armas com as mãos, fui purgando, aos poucos, uma cena que marcou na adolescência.

Era o ano de 1989, consigo lembrar claramente pelo fato deste ter sido um bom ano de chuvas. No Sertão esse é um marcador importante. Nesse dia havia um movimento lindo entre as nuvens levadas fortemente pelo intenso vento, e por uma aquarela turva a se desenhar no céu. O ar cheirava a terra molhada. E era notável o movimento diferente das pessoas nas ruas, tocadas pela alegria ao perceber que as águas iriam dentro em pouco cair dos céus sobre nossas cabeças.

Estava indo à casa do amigo Eripetson Lu-

cena, quando a notícia chegou, nem lembro como e quem trouxe: mataram Negrada. Seu corpo estava na “pedra”. “Ele está no hospital, na pedra”. Não sabia o que era isso, não entendia. Décadas depois fui na “pedra” encontrar alguém muito amada. Mas naquele dia, esse enunciado trouxe a sensação de que tudo havia mudado na atmosfera. Fora o fato de que Negrada estava na pedra, ninguém mais sabia dizer nada. Dalí em diante tudo foi só silêncio.

Naquele caminho pelas ruas da cidade, só me vinha a cabeça a imagem do jovem negro, filho de Dona Inácia, que matriculado em minha escola, era conhecido de muitos. Era um garoto de olhos vivos, que estava muito disponível como “garoto de recados”, fazia de um tudo que lhe pedissem. Acho que sua sobrevivência estava ligada a essa possibilidade. Ele ficava mais fora do que dentro da sala de aula. Quando não estava no Colégio Cepa, podia ser encontrado pe- ▶



► las ruas da cidade. Era gaiato e sorridente.

Fiquei me perguntando: por que mataram Negrada? Quem matou? Essas respostas nunca vieram. Aquele dia para mim trouxe uma percepção de sombra profunda que paira em determinados eventos. É claro que esse é um entendimento do presente. No passado, diante daquele acontecimento, parecia que a preparação para chover se tornara em presságio de dor. Eu não chorei por ele, mas todas as vezes que o céu apresentava algum indício daquele dia de inverno, e trazia a memória daquele dia, seja na luz, nas nuvens, ou odor, e nos ventos, minhas lágrimas caíam a conta-gotas. Como se a sua morte fosse um acontecimento inacabado. Talvez pelo fato de que nada tenha sido esclarecido.

Nos vestígios desse dia ficou a impressão de uma injustiça. Para mim a condição dele de jovem negro, pobre e que parte de sua vida estava na batalha de

sobreviver nas ruas cravaram esses significados em mim. A chuva ficou em suspenso, restou aquela ventania e as nuvens escuras no céu.

Algum tempo depois soube que Negrada havia sido velado num bordel, onde residia uma irmã sua. Quando a informação circulou por correspondência trocada entre amigos, pareceu pitoresca, pelo relato da amiga que morava em Caicó, ao amigo que residia em Patos. Mas no íntimo achei muito humano, das moças, acolherem o jovem de estatura mediana, corpo um pouco robusto e de muita energia. Eu gostaria muito de ter ido ao cabaré na ocasião. Fiquei imaginando à época, a solidariedade

daquela comunidade, de sua acolhida ao jovem.

De certo modo aquela foi uma morte silenciada. Ficou em mim como uma porta entreaberta ao longo desses quase vinte anos. Sinto um pouco daquela ventania quando notícias de homicídios de jovens negros são comercializadas nas mídias com um apelo perverso que há na monetarização das audiências.

Quando mataram a Marielle Franco e o Anderson lembrei da arma, que empunhada por alguém, havia tirado a vida daquele jovem negro. Mas pensei que a visibilidade sobre esse fato haveria de elucidar a questão. O que não aconteceu até então.

Naquela época eu era muito jovem, entre 14 e 15 anos apenas. Hoje decidi libertar essa memória incômoda, diante de um mal estar presente, causado, pelas imagens armamentistas e fálicas. Por vezes penso que uma arma pode ser a expressão de um falo frustrado, ora confuso consigo mesmo, ou narcisisticamente incapaz de viver fora do mundo criado pela prevalência de seus desejos. Imagino que esta seja uma questão mais além, complexa. Talvez seja uma expressão do fim daquilo que utopicamente acreditamos ser como “imagem e semelhança de Deus”. Não por acaso o discurso sobre Deus emerge fortemente caracterizado por uma mitologia antiga que evoca a guerra, o poder bélico, a destruição do Outro e o fundamento de um tipo de “Ordem”.

A morte de Negrada no inverno de 1989 foi um rito de passagem, me tirou um pouco da ingenuidade que ainda trazia da infância. Ali fui paulatinamente saindo do “romantismo” da vida comunitária e entrando no entendimento do mundo social. Um espanto, nada de natural, além da eminência de chuva, ali existia. ▀

Sandra Raquew Azevêdo é jornalista, escritora e professora de Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). É autora dos livros *Comunicação, mídia e imaginário: diálogos contemporâneos* (2017), *Assessoria de Comunicação na Paraíba* (2016), *Mulheres em Pauta: gênero e violência na agenda midiática* (2011), *Cartografias: escritos sobre mídia cultura e sociedade* (2008) e *Gênero, rádio e educomunicação: caminhos entrelaçados* (2005). Mora em João Pessoa (PB).

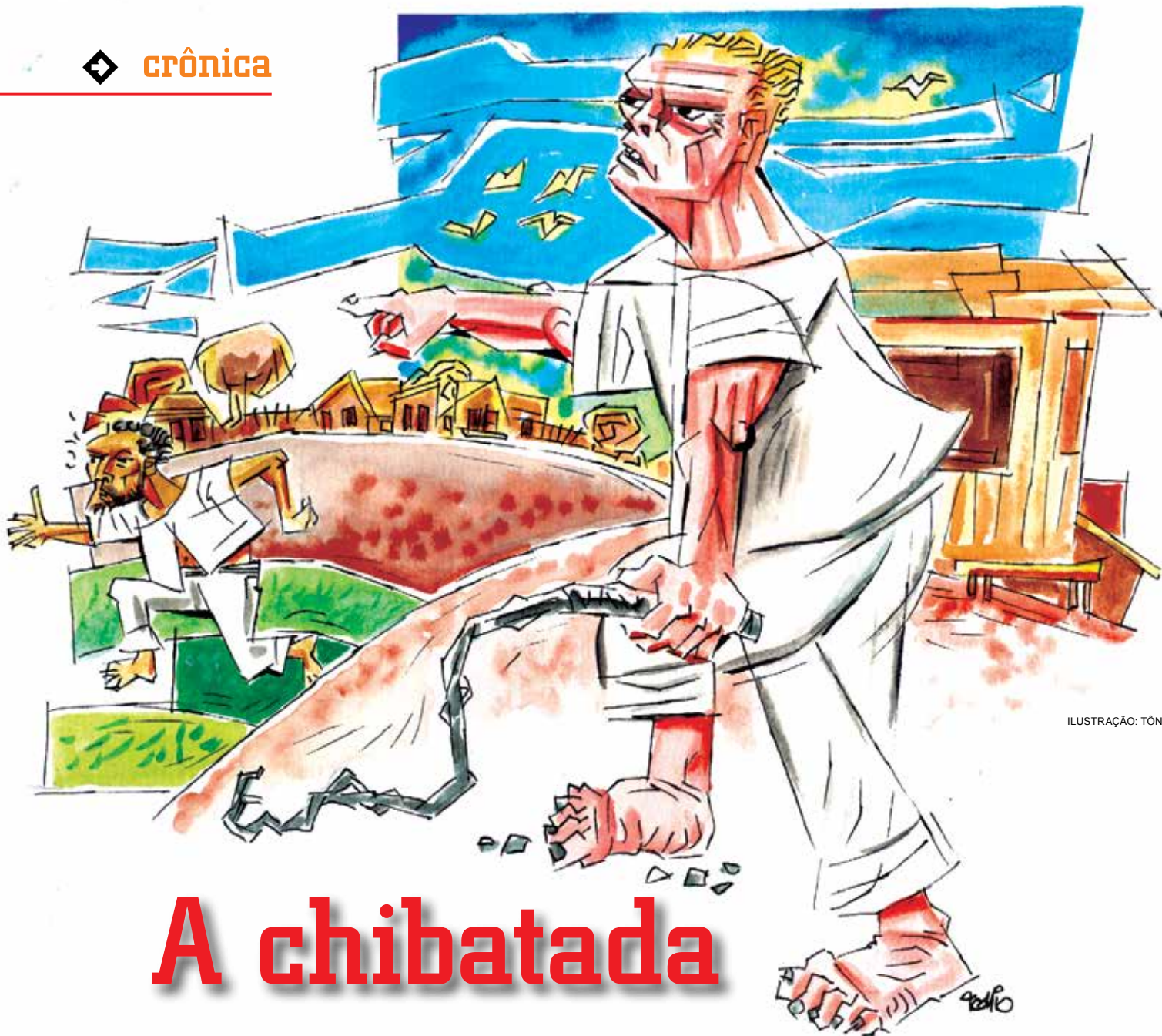


ILUSTRAÇÃO: TÔNIO

A chibatada

Jesuino André

Especial para o *Correio das Artes*

Pobre sofre. E como. Depois que o Todo Poderoso instituiu o livre arbítrio, a ordem do Universo foi alterada. Mas o dilema cristão pouco vem ao caso. Meu amigo Marques fora criado numa pequena cidade próxima da capital. Os cabelos ficaram brancos, mas as lembranças do passado ainda são fortes. Quando fala do pai, então, fica com o rosto vermelho e os olhos marejados. Orgulho puro.

Seu pai João Grande fora criado na brutalidade disfarçada de vida. Apesar de sobrenome distinto, nasceu num lar onde o pai mal sabia ler e a mãe era submissão. Tempos difíceis. Leitura pouca, emprego nenhum, ganha pão escasso, as dificuldades sobravam. O consolo vinha do alto na esperança inacabada. Mas a batalha por aqui forjou o homem fortaleza tal qual seu nome.

Não havia espaço para idiosincrasias. O homem era o suor e era a palavra acima de tudo. Sendo assim suportou toda forma de infortúnio que sempre sobrepunha às alegrias. As vias eram únicas, portanto sem floreios. ▶

▶ Marques cresceu sob essa herança, mas obteve oportunidade para ir mais além e se gaba disso. Poucos sobrevivem a uma sentença tão cruel do destino. As lembranças saudosas invadem-lhe a mente. Escuto atento as suas histórias quase sempre repetidas. Mas isso lhe faz bem.

João Grande tinha filhos pequenos que precisavam de casa, comida e escola, a essência de qualquer futuro. Deste-mido nunca baixou a guarda para as adversidades. O seu tamanho, o seu olhar incisivo e os seus pensamentos determinantes eram como dois imponentes símbolos: escudo e espada. E assim venceu algumas batalhas.

Morava numa pequena cidade pobre, com poucas chances de vida. Ainda assim era vida. Para matar a fome de todos construiu uma pequena birosca em área afastada. Ali vendia miudezas como biscoitos, bolachas, cigarros, bebidas. Nada excepcional. Mas não faltava o pão nosso de cada dia.

A tarde caía tranqüila quando Zé do Rio, mais melado do que corda de caranguejo, resolveu aportar sentando num banco de madeira da barraca. O silêncio era total. Nenhuma viva alma. No cenário apenas ele e João. Zé era um quase mendigo, desses sem história, sem começo, nem meio, muito menos fim. Parecia ter saído de alguma página de literatura ou de um personagem bizarro dos quadros de Bosch.

Vestido de roupas sujas, chinela de dedo velha, cabeleira e barbas desgrenhadas, notadamente não era um freqüentador do recinto. Do outro lado do balcão João Grande, sentado, observava atentamente. O pobre coitado se aproximou do balcão. Estava visivelmente bêbado, sujo e fedido. Carregava na mão direita um caranguejo em estado pior. Não sabia onde estava. A cachaça tirou-lhe o juízo.

Zé, sem medidas, quebrou o silêncio com a voz embriagada e ordenou:

– Bota uma cana aí pra mim!

João Grande percebeu o estado e calmo respondeu:

– Aqui não tem cachaça não! E está na hora de você ir embora daqui.

– Ir embora?! Eu quero tomar uma. Bote uma aí pra mim! – quase gritou.

– Eu já lhe disse que não tem bebida pra vender!

João percebeu o abuso a sua frente e começou a ficar com o rosto vermelho. Era galego branco, alto e bastante forte. Seguia todas as obrigações e deveres que cabiam em um homem decente. Tinha bem conservada a moral e o respeito pelos valores e convenções impostas pela sociedade. Era exemplar.

Também era precavido na proteção para qualquer esse tipo de eventualidade. Até então nunca usara a chibata de um metro e meio que confeccionou entrelaçando fios flexíveis de arames, cordas e cabo de aço. Estava escondida por trás do balcão ao alcance da mão.

O bafo da cachaça exalado da boca de Zé do Rio chegou ao nariz de João Grande, junto aos ouvidos com o pedido inconseqüente e imoral:

– Bote uma cachaça pra mim aí seu filho da puta!!! – disse sob o efeito do álcool e não atentou ao risco que corria.

Aquilo foi o cúmulo da impropriedade, da ofensa sem perdão, do pecado mortal.

– O que seu miserável?!

Atingido no âmago da moral familiar e como um raio poderoso, João segurou no cabo da chibata, e ainda no balcão, levantou o corpanzil de cem quilos, estirou o braço e desferiu uma violenta vergastada nas costas do infame.

– Aaaaaiiiiiiiii!!!! – o golpe pegou-o de surpresa.

A cipoada foi desferida com

tanta força e violência, num som alto e seco, que arquejou as costas do pobre miserável, deixando-a uma lapiada de sangue de cima a baixo. Marques chegou na hora testemunhando a cena. Viu quando foi desferido o golpe, fazendo na hora o farrapo humano mijar e defecar nas calças.

No mesmo instante a cachaça evaporou, tomou destino, fazendo aquela carcaça dar um pinote e correr veloz sem esperar o segundo golpe. Nem os dedos inchados pelos bichos-de-pé impediram sua corrida.

Também viu quando o pai com o chicote na mão saiu da barraca para perseguir o pobre coitado.

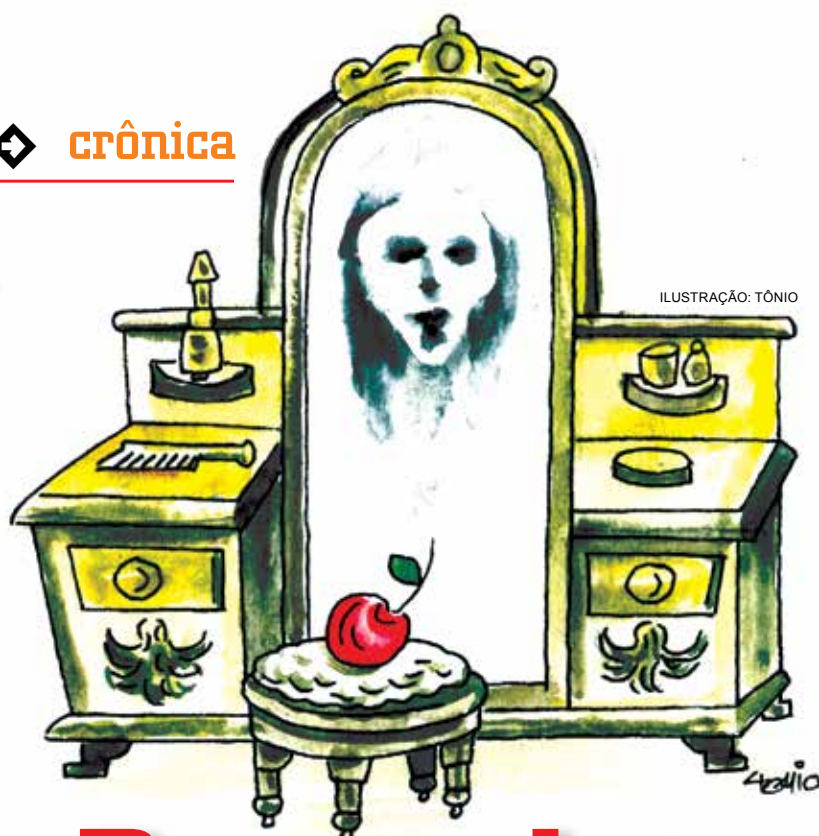
– Venha cá seu filho do cão que você vai ver quem é o filho-da-puta!

Marques conseguiu segurar o pai e acalmar sua ira. Foi a única vez que viu o sujeito por lá.

Aquele era o lugar onde os fracos não têm vez. ✖



Jesuino André de Oliveira nasceu no interior da Bahia e mora em João Pessoa (PB) desde os anos 80. É redator-publicitário, produtor cultural e editor do podcast *MeuSons*. Não tem livro publicado. Publica suas crônicas nas redes sociais. Contato: (83) 99963-6752 / E-mail: jesuino@gmail.com / Instagram: [@jesuinooliveira](https://www.instagram.com/jesuinooliveira) || Twitter: [@jesuinoandre](https://twitter.com/jesuinoandre).



Penteadeira

Raquel Naveira

Especial para o *Correio das Artes*

Restaurou a antiga penteadeira, com o espelho de cristal bisotado e a banqueta de couro, que ficava no quarto dela, a sua mãe. Muitas vezes a filha viu frente ao espelho, que lhe parecia baço, coberto de pó. A mãe abria potes de cremes, passava unguentos, o rosto lambuzado de grumos. Que esperava encontrar naquelas geleias? Juventude eterna? Mucos verdes escorriam em sua pele. Havia frascos de perfume, meio abertos, violentos, exalando odores fortes em estranha alquimia. Quando o sol batia na penteadeira, quase na hora do crepúsculo, o torpor morno aquecia as essências e a filha tinha vontade de chorar. A mãe fenecia tristemente. Algo acontecera no passado dela que a tornara tão vulnerável. Não conseguia envelhecer com graça e se satisfazer com o florescimento da filha, ao contrário, corroía-se de ciúme e inveja.

A princípio, quando pequena, a filha a considerava uma rainha, a mulher mais bela do mundo, enquanto a mãe confirmava seu encanto no espelho mágico da penteadeira. A mãe ajeitava as mechas loiras, passava lápis preto ao redor dos olhos claros. Mirava-se de longe e de perto como se o espelho fosse a superfície da água e ela uma espécie de Narciso. Sim, Narciso, aquele rapaz da mitologia grega, objeto da paixão de ninfas e mortais, mas insensível ao amor. Ao abaixar-se numa fonte para saciar a sede, olhou seu reflexo. Ficou seduzido pela própria beleza. Indiferente ao mundo, apaixonada por si mesma, a mãe se inclinava sobre sua imagem com meneios do corpo, projetando para a frente os seios alvos de flor.

O espelho da penteadeira brilhava, quando a mãe perguntou: “_ Minha filha é mais bonita do que eu?” O espe-

lho respondeu com a voz da filha: “_ Ela é mil vezes mais linda.” A mãe se enfureceu: “_ Minha filha tornou-se uma ameaça. Preciso devorar seu coração, ter um comportamento semelhante ao dela, competir. O pai sempre foi um fraco, ambivalente, um sumido no mundo. Não adiantará ela tentar fugir, penetrar florestas. Tenho poder sobre ela, reaparecerei em sua vida em todas as fases, em todas as circunstâncias, em todas as noites de lua, quebrando caixões de vidro, imobilizando-a com cintos apertados de fitas, cravando pentes pontiagudos e venenosos em sua cabeça. Ela é da mesma matéria que eu, do mesmo sangue, da mesma árvore, da mesma vaidade, da mesma atração, da mesma fraqueza humana. Destruirei sua paz interna, devastarei, dividirei com ela a maçã branca e vermelha do desejo maduro até o fim, até calçar sapatos de ferro e sair dançando em direção ao abismo, até o renascimento, até nossos ossos virarem um punhado de cal e neve.”

Sentada no banco de couro da penteadeira, a filha observa o espelho numinoso com o terror que inspira o autoconhecimento. Relembra o nostálgico poema de Cecília Meireles: “Eu não tinha este rosto de hoje, assim calmo, triste, magro, nem os olhos tão vazios e o lábio amargo. Em que espelho ficou perdida a minha face?” Tantos anos se passaram... Como elaborar um conflito que a consome há séculos? Um dilema de mulher? Bem que um duque grisalho tentou protegê-la, arrancar em vão de sua boca o pedaço da maçã que a sufoca. Ela lhe disse: “_ Perdoe-me. Não posso me libertar de minha raiz. Agora vemos por esse espelho realidades invertidas, enigmas, mas um dia veremos tudo face a face.”

Restaurou a antiga penteadeira. Dentro do espelho, um espírito em forma de máscara, rodeado por fumaça e fogo, continua falando a verdade. ✖

Raquel Naveira nasceu em Campo Grande (MS), onde reside, no dia 23 de setembro de 1957. É escritora, comunicadora, conferencista, militante cultural, pesquisadora e professora. Pertence à Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, entre outras instituições culturais. Escreveu vários livros, entre eles: *Casa de tecla* (poemas, Escrituras, 1999, finalistas do Prêmio Jabuti de Poesia) e *Caminhos de bicicleta* (crônicas, Miró, 2010).

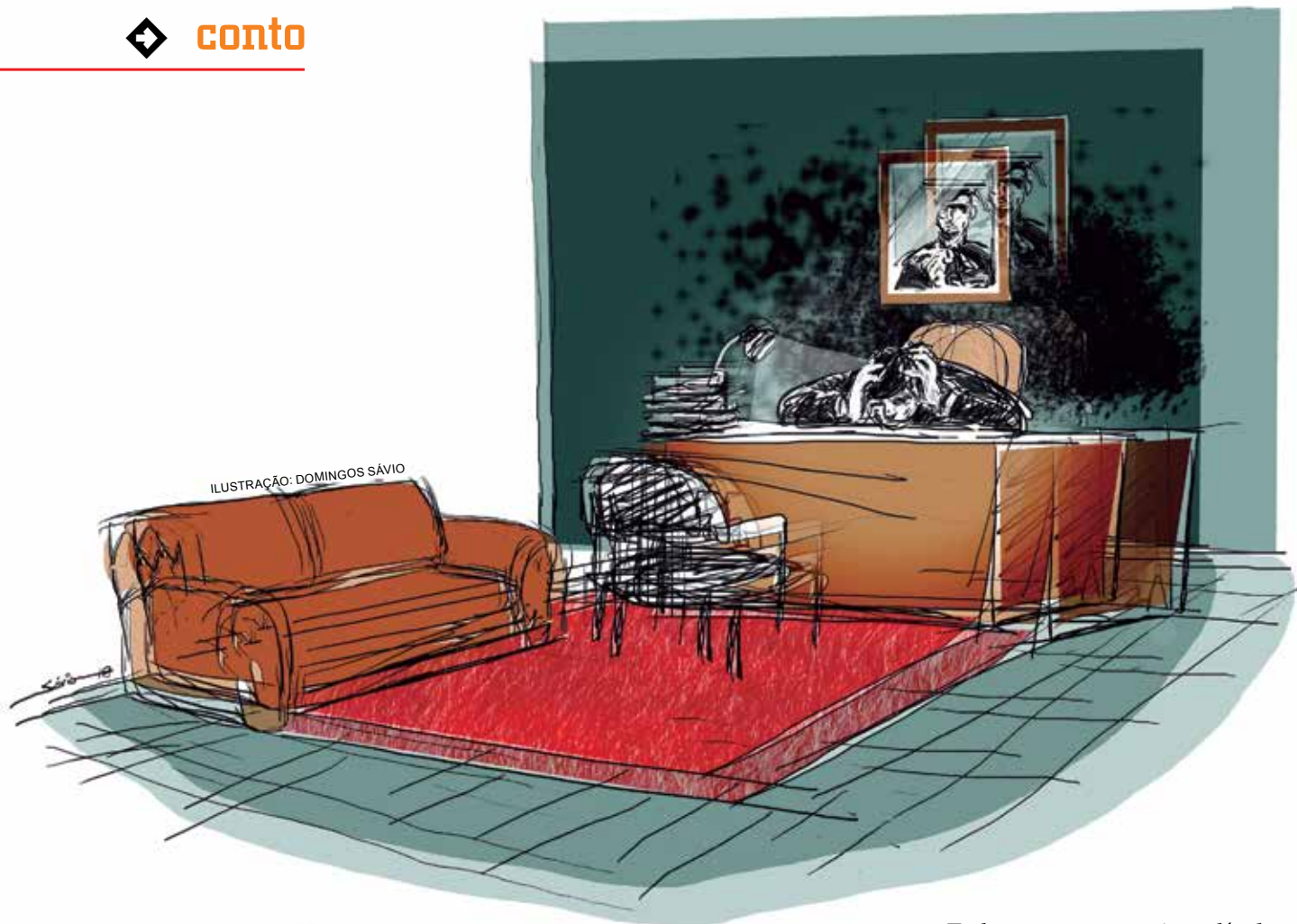


ILUSTRAÇÃO: DOMINGOS SÁVIO

A caneta deprimida

José Caitano de Oliveira
Especial para o *Correio das Artes*

— **I**mbecil!
— O quê? Quem me ofende?
— Idiota! Pare de fingir. Nossa vida sempre foi uma mala de vento.

Como...? Chega!

Algo estranho mexia-se, involuntariamente...

Dentro de um ego infectado. De lá, desse esconderijo, que está em cima e também embaixo, escorria um pó escuro, que caía igual à chuva; porém, não molhava a terra nem enchiam os rios e lagos. Contudo, aquela poeira úmida inundava, transbordava, salpicava de lama uma desesperada alma entrevada. Ela se ressentia da má sorte. Deveras.

Nesse silencioso alojamento, hermético, Gilberto ditava, questionava de si mesmo, por meio de diálogo mudo: protesto invisível. Um como quando a sombra conversando com uma sósia.

Toda essa prosa, inaudível, fluía numa tarde de outono magérrimo sob a regência de Mercúrio. O sol, desejoso de deitar, adormecer noutra lado da eclíptica, se recolhia naturalmente. Poder-se-ia constatar milhares de folhas de acácia amarelas, deitadas ao chão, ressecadas, prontas a decolar no primeiro assobio do vento.

Diabo! Um campo de concentração? Isso! Porque no tronco da solidão, engessado, doutor Gilberto respirava o infortúnio; contendia consigo, tenazmente. Seu escritório possuía a mesma mobília, fazia trinta anos: Um canapé aveludado, duas poltronas, duas cadeiras, o birô e o tapete vermelho que, em fase terminal, destacava-se: emprestava ao ambiente aquela aparência formal dos livros. “Livros, livros... droga!”. Em tais ocasiões, Gilberto bisbilhotava a sua consciência; perfurava-a; sobretudo quando se achava multiplicado por ininterruptas crises de ansiedade. Que não única causa, mas decorrente de causa primeira: dinheiro.

“Maldita Cruz! Nenhum pingo de luz. Meu Deus!”



▶ Sorumbático, ele acompanhava a “velocidade” das horas, “saboreando” o cheiro de papéis carcomidos por traças. E repetia: - Que sina! Ultimamente, esquivava-se ao olhar para o diploma; todavia, ao fazê-lo, o bacharel pulava da moldura e atarraxava-se em seu rosto amargurado. Aí, proseava com sua imagem refletida no espelho de banheiro; arrumando o cabelo, alisando o bigode, espremendo cravos, arrancando fios da sobrancelha.

Alguém se manifestava: - Não desista, não desista! Tudo vai passar; vai acordar, vai acordar! Tenha fé!

Entregava-se à abstração. Mas se a crise financeira aumentava, atingindo sua paisagem interior, então, no buraco caía: a depressão.

E dizia: “A depressão é o único lugar da vida onde todos os homens são iguais. Sim. A realidade tingida por idêntica cor.”

– Até quando hei de conduzir essa cruz?

Trabalhava muito; muitas e distintas demandas judiciais, às quais, convertidas em dinheiro (o câmbio, se apresentava desfavorável): parcos honorários; capenga. Seria o caso de conjugar aquele adágio popular: Trabalhar para pobre, é como pedir esmola pra dois.

Como exemplo, um processo de reconhecimento de paternidade – contra ancião – a poucos passos de alcançar a eternidade. Sabe o que aconteceu? Bom; o imprevisto causara-lhe “bom”

imbróglio, como a prematura morte do autor da causa, (José Belarmino). Porque os honorários seriam pagos conforme o contrato; isto é, depois da morte do velho (quando fosse aberto o inventário). Que é de o velho morrer? Setenta, setenta e cinco, oitenta anos...

Até que, finalmente, o constituinte apiedara-se de Gilberto: aparecera-lhe, em sonho, e pediu, implorara que lhe fosse rezada missa de reparação: houvera feito serviço de macumba para tirar a vida do pai.

“Ora! ora! ora! Veja o que me sucedeu: A macumba feita por José Belarmino alojou-se em meu escritório. Trabalhar para pobre...”

Contudo, imprescindível persistir, acreditar na profissão, aceitar sofrer de desdém, assim ela lhe tratava, desde sempre. Afinal, se a vida é junção de imprevisíveis surpresas, guardadas num saco, neste, quiçá, no fundinho, lá estivesse amojada a pepita que lhe mudaria a feição de atribulados dias, ou seja: aquela causa afortunada.

Lembrava-se de Romualdo, do inventário de gente rica, que mudara a vida financeira dele. De empréstimo, tomava a sorte do colega de profissão. Sonhava...

Com razão. O sonho é saudável alimento dos esperançosos!

Outro caso, se não pitoresco, de mesma linhagem lhe acontecera. Foi assim: Chegara cedinho ao escritório, hábito antigo. Adorava admirar cintilações do

sol, e, envolto nesse bronze da manhã, placidamente sentia a brandura do tempo. Abriu a porta, fê-lo desvirginando a solidão do ambiente. Ali, imobilizado, se encontrava seu confidente: o birô. Este conhecia cada palmo de lamento, de desespero que perambulava em pensamento do advogado.

Sentou-se, depois trouxe a lume o último entrevero doméstico; via e revia aquele olhar fulminante de Janaína. E tudo acontecera por motivo nem tão banal nem consistente, porém, recorrente: dívidas. Dívidas de necessidades: água, luz, aluguel; também por causa daqueles filhinhos bastardos, que moram no seio da vizinhança, que crescem rápidos e que estão na padaria, na farmácia, nos bares, na consciência do credor, principalmente.

“Droga! A vida é um caos. Todo mês se me aparece ela vestida de vermelho. Pago contas; reabro fiados; consolo meus credores. Agora, nada mais corrosivo e angustiante do que engolir queixas de Janaína. Ela pisa e repisa; reinicia o discurso, depois silencia. Então, reinicia, quando já não há mais vestígios algum de contender. Desestabiliza o meu fragilizado humor. É igual a disco, em qualquer rotação: roda de manhã e na hora de dormir. De tanto rodar, acabo sonhando: “Gilberto, já pagou a conta da luz? O que é de seu dinheiro? Gastou no bar de Isaías. Já avisei: a descarga do banheiro quebrou,

► faz oito dias. Pare de beber, de trabalhar para pobre. Você é burro. Burro! burro! burro!”

Desolado, mordido por intempestiva desilusão, ruminava palavras da mulher que, se fossem contadas todas outras ditas, até então, não se lhe doía tanto quanto àquelas últimas: “Burro! burro! burro! Pare de trabalhar para pobre.” Como se lhe fosse facultado trabalhar para rico.

De repente, alguém bateu à porta do escritório. Uma senhora de cinquenta e tantos anos, magra, tez avermelhada; salpicada de rugas na testa, nos braços e mãos. Conduzia uma bíblia em local de risco, ante a possibilidade das palavras do Senhor afogar-se no Mar Vermelho: um rio de suor escorria da axila dela. Seu olhar, bem no âmago do cristalino, carecia de brilho. Gilberto fê-la sentar. No entanto, antes de pronunciar uma só palavra, falou pra si mesmo: “Janaína tem razão. Sou advogado fracassado!”

– Dr. Gilberto: meu filho foi preso. Brigou com a namorada; coisa de gente apaixonada. Ciúmes.

– Sim. Então...

– O senhor sabe: Homem de testa desaforos; sobretudo de mulher. Zezinho perdeu o juízo. Ela caiu sobre uma garrafa quebrada.

– Como se deu a prisão?

– Aconteceu no bar. A polícia fazia a ronda no bairro.

– O namoro é recente?

– Não. Namoro velho. Jamais brigaram. Eles são primos. Cresceram compartilhando a infância. Nossa casa dividia parede à casa de meu irmão.

– Primos? Então...!

– Doutor, não se espante: O que estraga a carne é o sangue!

Duas dezenas de palavras selaram o contrato. Ela pagou certa quantia; assumiu o compromisso de pagar o combinado depois, quando o filho fosse solto.

Isso aconteceu: Zezinho saiu da prisão. Era noite. Ele navegou o olhar em direção ao céu; no painel celestial, podia contemplar as três meninas do cosmo: Três Marias ostentando aquele singular brilho, discreto e perfilhado. Como seria magnânimo poder arrancar aquelas donzelas do tabuleiro de Deus; poder bei-



já-las, sobretudo extrair o brilho delas, colocando dentro da sua alma, de que necessitava tanto naquela hora. Entristecido, optou por fechar as pálpebras abruptamente, porque algo à sua frente aparecera: duas estrelas esverdeadas, de primor inexecuível; estrelas enraizadas na terra: os olhos de Joana.

O advogado disse: - Vocês necessitam conversar. Havia arrependimentos recíprocos. A humildade se alojara em ambos. Eles entregues à cicatriz do tempo!

Dias depois, aconteceu de a cigarra do escritório tilintar. Um barulho agradável, esperado, porque anunciava dona Conceição e Zezinho.

– A gente vem pagar. Disse Zezinho.

– E agradecer pelo trabalho. Não pude vir antes; meu sócio machucou a mão direita dele.

– Sócio?

– Ele puxa a carroça: Bené. Animal disposto. É encrenqueiro, todo burro o é; não se lhe pode dar comida durante o trabalho. Jamais, pois fica de rabo

caído; ronceiro. Aí, entregou o bolo de notas suadas, de vários matizes, ao advogado; depois, se retiraram. O dinheiro estivera encabulado, amarrado num cordão de elástico dentro do saco plástico.

Gilberto apiedou-se da má sorte do sócio de Zezinho. Surgiu-lhe um dilúvio de imagens: O chicote torturando o animal, seus músculos distendidos, intumescidos de dor; o sobrepeso da carroça ia subindo a ladeira, que se esticava, enormemente, e tornava-se mais outra ladeira; não propriamente ladeira: era montanha. De olhos antolhados, proibidos de olhar noutra direção, Bené desejava falar, mas somente podia fazê-lo para suas próprias patas. Estas falavam o idioma da escravidão: “Estou estropiado. Tenha dó de mim, Zezinho, homem de Deus...”

“Que caminho amaldiçoado tu escolheste!” Ninguém lhe ouvia a súplica. O impiedoso azorrague e Zezinho diziam: Anda Bené. Bicho preguiçoso: Lap; lap; lap. Anda, anda Bené: Lap; lap; lap...!

Do que lhe restava da força, seu sangue transformara-se em suor; suor muito; descia alucinado; escorria sobre paralelepípedos quentes. Zezinho saciava-se, matava a sede!

O demiurgo ouvia o lamento solidário do advogado. Ouvia aquelas ondas propagando-se pelos guetos do universo.

Em casa, encontrou a mulher; estava ela enfurnada em um caramujo: a fêmea mais sisuda do mundo. Ainda assim, abriu a carteira e tirou o dinheiro do aluguel. Separou outras cédulas; finalmente falou:

– Janaína: compre coisinhas de emergência!

Ela transmutou-se.

– Já sei. Apareceu cliente endinheirado. Minhas orações, meu marido. Deus é fiel!

– Sim. Deus é Protetor dos burros! ✖

José Caitano de Oliveira é advogado e escritor. É autor de vários livros, entre eles, *Delirium Tremens*, *Maçonaria e Esoterismo*, *O Pastor e o Verbo*, *De liberdade não se morre e Saga de 1930 e o Doido da Parahyba*. Mora em João Pessoa (PB).



Assolados

Leonardo Paiva
Especial para o *Correio das Artes*

ILUSTRAÇÃO: TÔNIO

Diminuía a velocidade da antiga caminhonete conforme se aproximavam da construção de tijolos crus esquecida às margens da estrada. A imensa garrafa enferrujada do refrigerante laranja boiava numa placa na parede, anúncio de que aquele era o tal bar onde o motorista aguardaria o seu retorno.

Pararam ao lado da pequena varanda cujo telhado era sustentado por três frágeis pilares de madeira. Nesses pilares, algumas mesas e cadeiras de metal descansavam da sua labuta noturna. O sol transpunha a cobertura através das telhas esburacadas, arremessando um raio grosso e disforme nas costas nuas de um homem caído sob um orelhão azul em frangalhos. Não precisa ter medo, disse o motorista, essa coisa aí não faz mal a ninguém. É um traste famoso aqui da região, um daqueles que, antes mesmo de abrir o olho, entorna um copo de cachaça na barriga vazia.

O bêbado, de bruços, esmagava o chão de terra com o nariz. Se não roncasse ronco que levantava poeira, diria que o homem não passava de um corpo morto. Perto do seu ombro havia uma marmitta de alumínio toda mordiscada, restos de um almoço que, pelo visto, não estava sendo digerido pelo seu estômago maltratado. O festival de ossos de galinha roídos e de grãos de arroz espalhados em torno do corpo eram a prova de que a comida fora tragada pelo cachorro gordo e sarnento que dormia no vão entre suas pernas. ▶

► O motorista desceu, avançou para a entrada, gritou por dona Esperança. A porta de aço estava aberta, num canto do cubículo havia um freezer vermelho descascando, no meio, uma bancadinha de madeira; atrás da bancada, dois trapos floridos faziam a divisória de um ambiente que talvez pudesse ser “a cozinha”, a toca onde dona Esperança se enfiava. Aquilo era uma verdadeira espelunca, um, como é que os colegas diziam na faculdade?, um pé sujo, um pé sujo terrível, ela pensou. Terrível! O que estou fazendo aqui?, perguntou a si mesma enquanto tentava abaixar o vidro emperrado para deixar o ar seco circular no interior do veículo.

Ouviu uma tosse aguda, longa e encatarrada crescendo por detrás das flores estampadas. Os trapos foram descerrados por uma velha encardida. Admirou-se ao ver o motorista, e o cumprimentou com entusiasmo. Ficaram frente a frente embaixo da cobertura, ele apertou a mão da velha, fez um carinho nas suas costas, trocaram algumas palavras inaudíveis. A mulher olhou para a sua barriga, depois olhou para o motorista. A contragosto ela desceu da caminhonete e ajustou o jaleco amarrotado. Antes de bater a porta pesada, lembrou-se da maleta.

Maldita hora em que havia engolido as palavras do marido, maldita hora em que havia se deixado impregnar pelas suas ideias. No futuro, ela pensou, no futuro haveriam de ter uma conversa acalorada, precisaria vomitar todo esse sofrimento em seu colo para colocar, como dizem os que se utilizam desta expressão desgastada, tudo em pratos limpos. Pois ele não poderia ter tido ideia mais disparatada: mudar-se assim, subitamente, e forçá-la a trabalhar no Brasil profundo. Há cinco meses vinha atendendo pacientes miseráveis nas imediações da cidade para onde fora carregada. Seu trabalho era detestável. Naquele dia, por exemplo, contava os batimentos débeis do coração de um velho fedorento quando a única enfermeira do posto rural, outra forasteira recém-contratada, avisou que um



homem a aguardava numa caminhonete. Estava encarregado de levar o médico a serviço até a casa de um paciente, uma vítima de envenenamento.

A velha lhe acenou com a cabeça, ela lhe devolveu o aceno. O motorista olhou para cima e contou uma piada indecente sobre mulheres. A velha riu, riu tanto que começou a tossir. Tossiu muito, tossiu fundo, gorgolejou uma mina de catarro. Passado o estrambólico acesso de tosse, a mulher perguntou se o motorista não a levaria até a casa do paciente por causa da ponte, pois se isso fosse, não haveria outro caminho que ele pudesse tomar para deixá-la no seu destino? Fugindo dos raios que entravam pelos buracos da telha, abriu uma cadeira, pediu uma lata de cerveja e a velha prontamente o atendeu. Sentou-se na cadeira bamba, abriu a lata, respondeu que não, o problema não era a ponte caíndo de podre, não era essa a questão. De repente eles ouviram o som de algo se arrastando. O bêbado procurava,

com muito custo, encostar-se na parede. Moscas desnorteadas erravam sobre os restos de comida, de cachorro, de homem. Viu que o seu rosto estava completamente empoado, que seus olhos estavam inchados, e que o cachorro ainda se mantinha na mesma posição de sono profundo. O mascarado travava consigo mesmo uma conversa engrolada, e babava. A velha pediu uma licença fingida e foi advertir o resmungão. Vai pra casa, tome um banho. Faz dois dias que você tá todo cagado e mijado. Não tem vergonha não, seu porco? A cabeça babona do bêbado tremia, ia de um lado para outro, vacilava como que prestes a despencar. Ouvindo o rallo encatarrado, o cachorro abriu os olhos, levantou a cabeça, bateu as orelhas, depois ensaiou coçá-las. Estava tão roliço que mal as alcançava. Conseguiu apenas morder e lamber uma de suas patas sangrentas. A velha deu de ombros e permaneceu alerta. Com falso desinteresse, ela seguia a dança das sombras, abrindo e dispondo ►

► desordenadamente mesas e cadeiras pela varanda.

A mulher pensou que talvez pudesse comprar o motorista. Perguntou se ele queria dinheiro para levá-la, e o homem se ofendeu. No trajeto havia informado que o paciente era um menino de cinco anos, filho de um tal Antônio da Soja, disse que era caso grave de envenenamento, um caso grave, ele disse, grave, de quase morte. Ela disse que o paciente precisava do atendimento com certa urgência, que nessas condições o ideal era buscar ajuda no hospital da cidade. Mas aquelas eram as ordens, disse o motorista, ordens de gente do alto. Se chamassem uma ambulância, ninguém viria; se o levassem, negariam atendê-lo, arrumariam uma desculpa qualquer, diriam que ele havia chegado morto, assim como já fizeram com os outros. Seria melhor se ambos seguissem o que já estava prescrito. Instalou-se no banco empoeirado, pensou que aquilo não fazia o menor sentido. Você, disse a mulher, você só pode estar brincando.

Se o motorista foi buscá-la no posto, não entendia por que ele se negava a levá-la até a casa do paciente. Quando avisou que a deixaria no bar de dona Esperança, o motorista repetiu que aquelas eram as ordens: busque o médico, mas não o deixe na porta da casa. Sabia que aquilo era uma crueldade, mas o que é que ele podia fazer? Se fosse até a casa do Antônio, ele correria um risco desnecessário. Risco?, ela perguntou. Risco, sim, um perigo enorme, ele respondeu. Se havia jurado cumprir a arte médica com fidelidade, precisava jogar de acordo com as regras do motorista. Ele disse que ficaria esperando por ali, no bar, como haviam combinado. E que ela não se preocupasse: com ele, palavra dita era palavra cumprida. Desejou-lhe sorte, e que fizesse um bom trabalho.

Sufocando a alça da maleta, entregou-se, então, ao seu itinerário. Segundo havia sido informada, andaria uns cinco minutos até alcançar a maldita ponte. Antes mesmo de atravessá-la, veria, ao longe, uma casa quase

incrustada na plantação de soja, uma casa bem pequena, a única num raio de alguns quilômetros. Era esse o seu destino.

A passos largos andou durante uns cinco minutos e finalmente encontrou a ponte mutilada. A casa podia mesmo ser vista dali. Respirava fundo enquanto admirava as megaplantações de soja que cobriam os campos além da ponte. O rio que corria a seus pés não era nem um pouco extenso. Espumoso e terrulento, ele se arrastava arruinado tal qual a passagem que, obstinadamente, ainda se mantinha suspensa. Não havia jeito de alcançar a outra margem senão atravessando o esqueleto de madeira. Viu-se obrigada a enfrentar a infeliz travessia.

Pisou numa tábuia solta e logo deu um passo para frente, procurando testar outra que lhe parecia mais firme. Se as tábuas cedessem ficaria, no mínimo, entalada até o quadril; uma madeira rachada, ou um enorme prego oculto, poderia cortá-la, deixá-lhe um rasgo enorme numa de suas coxas. Seria injusto, muito injusto, se ela morresse naquela tarde quente, naquele lugar inóspito, sobre aquele rio azedo, convertida numa palatável iguaria para os carneiros.

Na verdade, temia o acidente por outro motivo: ela desejava ter um filho. Daquela vez orquestraram tão bem a gravidez (o marido preferia, em tom de brincadeira, chamá-la *nó*), durante aquele mês fizeram tão bem o nó, que seria uma desgraça, assim ela pensou, uma desgraça não poder vê-lo tomar forma, crescer, ganhar um sexo, um nome, respirar, guinchar e explodir vitoriosas lágrimas gordas sobre suas tetas cheias de leite. A cada passo bem calculado vinha à cabeça o possível acidente, e em certo momento de maior perigo mandou o dono da caminhonete para o inferno. Devia ter dito a ele que estava grávida, devia ter dito, ele poderia se sensibilizar, quem sabe, e a levaria por outro caminho até a casa do envenenado. O pior é que, se não conseguisse contatar alguém (na época os sinais dos celulares eram péssimos para aqueles lados), seria obriga-

da a refazer o mesmo trajeto por causa daquele filho da mãe.

Embora a menstruação estivesse atrasada, não havia confirmado com testes a sua gravidez. Se não estivesse mesmo enodada, isso seria uma mentira. E se mentisse para o motorista, poderia sofrer a medonha consequência: o nó se desmancharia. Ver um outro nó se desmanchando, escorrendo perna abaixo como um pedaço de fígado de boi, seria terrível. Terrível! Por isso, quando pensou em lhe contar a boa-nova, não disse nada, e desceu contrariada da caminhonete. Disse para si mesma, entre uma bufada e outra, que o dinheiro que vinha recebendo não valia as horas dedicadas àqueles que necessitavam de seus cuidados. Não valia mesmo. Não valia.

Estava prestes a sair da ponte quando o ronco serrado de um aviãozinho agrícola caiu sobre sua cabeça. Era um aviãozinho vermelho que mergulhava rente ao chão para despejar a sua chuva branca na lavoura, lá onde ela discerniu algo de humano se mexendo por entre as folhinhas verdes, uns pontos cobertos por imensos chapéus enfiados em cabecinhas minúsculas.

As cenas vagas e desbotadas elaboradas pela imaginação da médica caíam nas águas do rio justapostas à chuva mortal que o aviãozinho despejava no ar, na terra.

Pensou que tornar a atravessar a ponte velha não seria pior do que aquilo.

Apressou o passo, as pernas formigaram, começava a sentir-se cansada. Na próxima segunda-feira, ela disse para si mesma, eu não piso mais aqui. Se ele não quisesse, tomaria, sozinha, um outro rumo. Teria o seu bebê gordinho num lugar civilizado, num bem longe daquela terra bruta. ❖

Leonardo Paiva nasceu em Pedralva (MG) e atualmente vive em Campinas (SP). Em 2016, publicou o livro de contos *O mar não sofre coisa morta* (Editora Moinhos). "Assolados" é um conto integrante de *Fogo caindo na noite* (no prelo).



Morro da Mutuma

Willy Nascimento
Especial para o *Correio das Artes*

A noite que descia pelos becos do topo ao pé do Morro da Mutuma trouxe consigo um choro alto e estridente. É menino! Um riso terno com ar de tristeza deformava a boca da mãe, ainda ofegante do esforço que empregara no parto. Segurando o filho nos braços, a mulher meditava, buscando adivinhar o futuro do seu erê. Quantos açoites haveriam de fustigar aquele espírito? Sentiu um desejo irracional de abraçá-lo com o ventre, onde estaria protegido da maldade dos homens... A parteira saiu para dar a notícia aos vizi-

nhos que aguardavam curiosos. Nasceu com saúde! Filho da noite! Preto que nem a mãe! Riram todos gostosamente, enquanto se apertavam dentro do barraco, dando início à comemoração; os mais íntimos se enfileirando para entrar no quarto.

A festa já se espalhava por quase toda a senzala, quando um disparo seco ribombou, cessando o batuque. Uma mulher alta, de vestido pomposo e coque no cabelo louro, soltou o revólver no chão e saiu correndo. Palavras confusas cortavam seu choro. Outro ▶

► bastardinho, não! Alguns ainda tentaram contê-la, mas tremiam ante a alvura daquela pele. Desistindo da investida contra a criminosa, voltaram para o barraco. O projétil abriu um buraco na parede de madeira, a alguns centímetros da criança, que dormia quietamente no colo da mãe. O alívio preencheu o quarto num suspiro coletivo. O cão tem a mira ruim! Com o filho nos braços, a mulher se inclinou com dificuldade, cerrou um dos olhos e espiou pela fresta ainda quente...

Quanta saúde! O menino se divertia correndo pelo quintal, ignorando as ordens da dona da casa. A mãe pedia mil perdões. Desculpa, dona... Vou mandar ele ir na venda pra senhora. Um fardo de lençóis pesava nas costas da negra, mas era uma pluma comparado ao olhar que a dona lhe dirigia. Entre risos, a criança deu a volta no casarão e se chegou à mãe, que lhe atribuiu a tarefa com um gesto de censura. Ele baixou o queixo tristemente, guardou o papel no bolso e se danou pela estrada de terra. A venda ficava muito distante de onde moravam, mas o menino conhecia atalhos que lhe encurtavam o caminho e transformavam o trabalho numa aventura. Trazia gravadas na memória todas as trilhas, árvores e pedras que brotavam no Morro da Mutuma. Chegou à venda, entregou o papel ao dono, equilibrou as compras em duas sacolas grandes e se embrenhou pelo mato novamente.

Depois de caminhar por alguns minutos, um gemido abafado penetrou sua alma. Não devia se demorar... Contudo, os atalhos compensariam o tempo de um possível desvio. Começou a seguir o ruído, que se intensificava cada vez mais. Eram gritos reprimidos misturados a risadas. Escondido numa moita, o menino viu quatro homens

de pé em torno de um quinto, ajoelhado no chão com braços e pernas atados por cordas. Fez esforço para ouvir o que falavam. Como os outros fugiram? Fala, preto safado! Mas o homem no centro do círculo só conseguia soluçar. Fala agora ou vai morrer! Os quatro inquiridores tinham olhar cruel e sorriso sádico. Por onde fugiram? Sem obter resposta, um dos homens empurrou o revolver na cabeça do negro e atirou. Aterrorizado, o menino se deitou no chão, de onde só conseguia ver botas sujas de sangue. Esperou que fossem todos embora e voltou correndo para casa. Não conseguiu dormir naquela noite. Abraçado à mãe, via, entre pestanejos, um círculo de achou outra negra a estender os lençóis. Um frio congelou sua espinha. Buscou reconhecer algum traço de familiaridade no casarão. Era esse mesmo! Da varanda uma mulher dava ordens, mas não era a dona que ele conhecia. Eram outros os donos do casarão. Desorientado, fez menção de se ir quando seus olhos encontraram uma jovem a lhe observar da janela. Ela tinha um corpo delgado, escondido num vestido muito elegante. Os seios eram redondos e os quadris volumosos. O rosto encantador trazia olhos profundos e inquietantes. Ela o contemplava com curiosidade. O lábio entreaberto deixava escapar um ar de admiração. Estavam ambos entorpecidos pela presença um do outro. Ele, com os olhos em lágrimas, esboçou um meio sorriso. Ela baixou o olhar e num átimo tornou a encará-lo com um sorriso encabulado. Aquele encontro seria o primeiro de muitos entre os dois, dando início a uma nova rotina em suas vidas. Toda vez que descia o morro, ele colhia girassóis para presentear-lá. Grandes girassóis que se escondiam na mata da Mutuma. Girassóis amarelos como seus

olhos e belos como o sorriso da filha do novo dono do casarão. Criaram um código secreto, imitando o canto dos pássaros. Quando o sol se cobria na terra, o assobio solitário do assum convidava sua amada a deixar o ninho e voar abaixo do poente – as asas tingidas de laranja...

Havia chegado, enfim, o dia de Cosme e Damião. Naquela tarde, a jovem não respondeu ao chamado do pássaro, que continuou a insistir até o céu estar já completamente negro. A janela que se abria no meio do quarto do canto, no primeiro andar, ascendeu, devolvendo o ânimo do rapaz escondido nos arbustos do quintal. Ela abriu a cortina afobada, tentando alertá-lo da presença do pai e de dois capitães no entorno da casa. A noite que descia pelos becos trouxe consigo um grito alto e estridente. Não, pai! Ainda ofegante do esforço que empregara no parto, a mãe segurava o filho nos braços meditativa, buscando adivinhar a trajetória do projétil. Levantou-se a muito custo e se colocou alguns centímetros à esquerda de onde estava. A festa já se espalhava por quase toda a favela, quando um estampido irrompeu no batuque. Uma mulher branca, de coque pomposo no cabelo, soltou o revolver no chão e saiu correndo. Dentro do barraco mãe e filho estavam caídos. Um impulso derradeiro fez a mulher levantar a criança, descolando-a do peito, e espiar pelo buraco que atravessara aquele pequenino corpo. Nada viu. Não viu o trabalho desumano, os pesadelos, as correntes, nem as botas, apenas seu erê brincando nas nuvens e rindo um riso que só os inocentes têm. ❖

Willy Nascimento Silva estreou como contista com "Uma noite de quinta-feira". "Morro da Mutuma" é o seu segundo conto. O escritor tem graduação em Letras pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), e dedica as horas vagas à leitura e à música. *Sobre a natureza do homem (e outros poemas)* é o seu primeiro livro. Mora em Campina Grande (PB).



O canarinho que falava

Luiz Augusto Paiva

Especial para o *Correio das Artes*

Para o poeta HBF.

ILUSTRAÇÃO: CINARA FIGUEIREDO

Ofato ocorreu comigo e com um poeta. O versejador em questão, por sinal, da melhor qualidade, com igual paixão cultivava versos e os melodiosos trinar de seus canarinhos. Tão conhecido esse bardo, quer por suas festejadas publicações, como pelo seu singular apreço por essas avezinhas canoras, recomendou-me a prudência não revelar sua identidade. Assim o farei, mantendo em segredo seu nome de pia.

Aproximou-nos a afinidade em coisas das letras. Escrevinhador de parques recursos que sou, contei com a obsequiosa deferência desse ilustre aedo em aceitar-me no rol dos confrades que costumam molhar a palavra, vulgo beber e jogar conversa fora, nas manhãs de sábado, quando nos encontramos com outros camaradas de copo e de prosa.

Até que numa dessas manhãs sabáticas descobrimo-nos praticantes juramentados na criação de canários e outorgados doutores de borda e capelo em “canarismo”. Temos, sem exagero algum, autoridade na atividade, em decorrência do trato mimoso que dispensamos a esses fascinantes bichinhos cantadores. Provavelmente, esteja aí, a razão de estreitarmos nossos laços de amizade. Com que paixão esse meu amigo se refere aos seus “belgas”, como filhos fossem. Não poupa elogios aos seus “rebentos” e os reconhece até pelo canto, sabendo distinguir se foi Agnaldo Rayol ou Tim Maia quem disparou. Que o gentil leitor saiba, “disparar” não é nenhuma atitude bélica, mas sim o cantar intermitente, predicado só encontrado em canários de qualidade.

Nunca contabilizei aquele plantel, só me surpreendi com o inusitado hábito do meu amigo em batizar as avezinhas com nomes de gente famosa. Estão lá o Pavaroti, o Sinatra, o Jair Rodrigues, o Néelson Gonçalves. Há um, coitadinho, que foi atacado em sua gaiola por uma coruja e perdeu uma perninha, mas continua cantando com todas as virtudes de um solista de ópera. Meu amigo trata com mimo e cortesia esse animalzinho. Desconfio ser o preferido; é o Roberto Carlos. Há entre eles uma fêmea, que por alguma disfunção hormonal arrisca uns dó-ré-mis. Não é lá um cantar de qualidade, mas a danada canta, o que é raro entre elas. Essa é a Wanderléa. Há um que posto para cruzar com fêmea de excelente linhagem e muita for- ▶

► mosura, acabou por dar uma pisa na coitadinha e essa não resistiu vindo a óbito. Suspeita-se ter sido um ato passional de Lindomar (esse é o nome do biltre); ciúme, talvez. Tivesse eu a virtude da paciência, iria aqui listar a qualidade de cada um dos componentes daquela alegre filarmônica. Teria muito a dizer do Orlando Silva, do Altemar Dutra, do Cauby Peixoto. Há um deles, teima o poeta afirmar, ser um amarelinho que canta em italiano; é o Gianni Morandi.

Já o meu plantel é mais discreto, uns quinze se tanto. Gosto de procriá-los para poder admirar o esplendoroso e imponderável espetáculo do surgimento de uma vida. E quando esse acontecimento conta com nossa cumplicidade, sentimo-nos mais próximos da natureza e de seus intrigantes mistérios. Sempre cuido disso com esmero e atenção. Escolho um casal para o namoro, promovo a aproximação do meu Tristão e sua Isolda. Não demora que aquela química os aproxime e daí ao enlace é questão de pouco tempo. Disponibilizo algodão para dar conforto ao ninho. Logo o primeiro ovo, depois outro, mais outro. Então é só esperar exatamente treze dias após a postura que aquela coisinha mais feia do mundo surja à luz. Nenhum bicho nasce mais feio do que um canário. Vejam só os pintinhos. Não são aves também? Mas nascem graciosos, alegres e já sabem se alimentar sozinhos. Já os canarinhos... mas, trinta dias depois estão independentes e podem ser separados dos pais. Mais um ou dois meses e começam a ensaiar as primeiras notas. Já presenteei o poeta com alguns filhotes do meu criadouro. Soube que o Michel Theló está de fazer inveja. Eu o escolhi a dedo, pois nosso menestrel merece a presença desse pequenino sertanejo para encher sua varanda de encanto. É, certamente, mais uma fonte de inspiração.

Sempre, nos meses de inverno, tiro uma ninhada ou duas. Há outros amigos, que merecem essas minhas deferências. Um ou outro, faz questão de receber esse regalo. Mas, ninguém como nosso beletista estima esse pequenino dote empenado. E daí é que surge esse curioso caso que ora relato.

Dirão uns ter eu enlouquecido. Aos que nutrem alguma rusga em relação à minha pessoa não

faltarão adjetivos para a pecha que tentarão me impor: loroteiro, embusteiro, enganador, farsante, impostor, trampolineiro, trapaceiro, aldravão, intrusão, mentireiro e outros que ainda não constam do meu Aurélio. Mas este impulso de relatar o fato é mais forte do que qualquer resquício de prudência que ainda possa habitar o coração desse humilde narrador. Foi assim:

Um indivíduo começou a se destacar em uma ninhada. Desenvolvia-se mais ligeiro do que os demais, ganhou penas antes dos irmãos, duas semanas de nascido já beliscava um naco de jiló e mordiscava uma folha de couve. Nem deu um mês e disparou a cantar. Comprei uma gaiola de dimensões mais generosas para conforto do meu “artista”. Mansinho, mansinho vinha à minha mão quando lhe oferecia uma lasca de maçã. Com o tempo empoleirava em meus dedos; então, eu esticava os braços e ele vinha com seu andar gracioso até o meu ombro e ali cantava, cantava... Não nego, quantas vezes esse jeito mimoso do meu canarinho me emocionou.

Numa tarde de domingo, estava ele em meu ombro executando sua doce cantoria enquanto eu lia o meu suplemento literário e eis que meu bichinho interrompeu seu concerto, balançou aquela cabecinha dourada, olhou-me com aquela ternura que só os canarinhos sabem olhar e...

– Tá gostando? – estaria eu delirando? Peguei-o e o coloquei empoleirado em meus dedos e ele continuou com sua voz de menino novo.

– Diz pra mim. Tá gostando ou não tá? – eu “tava”, mas aquilo estaria mesmo acontecendo? Pedi a presença da consorte.

– Vem cá mulher. Veja só isso.

– Isso o quê?

– Esse canarinho está falando.

– Falando? Canário não fala. Está louco?

– Mas esse está, veja só. Fala, garoto. – então o canarinho deu o ar de sua graça, ou se preferirem, de sua fala.

– Eu falo sim, minha senhora. O que quer que fale? – ela não se conteve.

– Não pode ser. Não é um truque? Falar já não é pra se acreditar, ainda mais falando assim como fosse gente estudada.

– Agradeço o “gente estudada”,

minha senhora. Meu discurso é coloquial, não tenho tanto conhecimento da norma culta.

Olhei para minha mulher e perguntei se não estávamos delirando. Não estávamos. Com muito cuidado guardei o bichinho naquela cela de arame e ainda ouvi da patroa a seguinte ponderação.

– Esse bichinho deve valer muito dinheiro.

Entramos e ele ficou em sua gaiola, presa em um caibro da varanda. Retomou seu canto com o costumeiro entusiasmo como que se nada estivesse acontecendo.

Nossas companheiras são dotadas daquele pragmatismo muito escasso nas têmperas masculinas. Algo me dizia que aquela que dividia lençóis comigo começara a fazer planos diferentes dos meus. Ia ser difícil convencer aquele despotismo de saias do valor sentimental do meu canarinho. Até que imbuído dos modernos preceitos da igualdade de gêneros tratei de desfazer as intenções de minha tirana.

– Nem pense em fazer qualquer coisa com meu canário - mas ela pensara, não em qualquer coisa, mas em muitas coisas.

– Quanta custa um curió? Desse que você viu em Santa Catarina. Não havia um que tinha sido campeão em um torneio de canto e você viu comprarem o bichinho por mais de cento e trinta mil reais? Isso foi em 2005, eu me lembro. Imagina quanto estaria valendo hoje! E um canário que fala, então?

Poderia valer o dinheiro que valesse, não venderia de jeito algum. Foi então que recorri a um estratagema e para a trama ter sucesso, iria eu pedir socorro ao meu querido fazedor de versos. Esperei pela ausência de minha soberana e liguei para o trovador.

– Poeta, tenho uma surpresa. Tem a ver com canários, mas só digo pessoalmente. Você vai se surpreender.

– Diga logo, homem.

– Só pessoalmente.

– Mas, precisa ser agora?

– Agora, não. A-go-ri-nha!

– Não pode adiantar alguma coisa?

– Só pessoalmente, já disse.

– Estou indo. Dá uns minutos. Vou trocar de roupa e já, já, estarei aí.

– Mas, me faz o seguinte.

– O quê? ►

► – Sabe aquele canarinho amarelo com um “borradinho” na asa esquerda?

– Sei, o Reginaldo Rossi.

– Ele mesmo. Traz, mas deixa a gaiola com ele no carro. Quando você entrar eu explico.

– Espero que seja algo interessante. Não me vá fazer perder tempo.

– Fica tranquilo. Você vai se surpreender.

O poeta veio. Não demorou quinze minutos e lá estávamos nós palestrando na varanda.

– Poeta, você não vai acreditar. Tá vendo aquele canarinho ali? O amarelinho com uma manchinha preta na asa?

– Tô.

– Pois você não vai acreditar, ele fala.

– Tá brincando...

– Pois então, veja. Fala com ele Amarelinho – eu já o batizara de Amarelinho, ele não me decepcionou.

– O nome do senhor, é Poeta? – o poeta nem conseguia falar. Fui em seu socorro.

– Ele é um poeta. Poeta é quem escreve poesias, mas o nome dele é outro – então, o canarinho retornou.

– Bom dia fazedor de poesias. Quando puder faz uns versinhos pra mim. Vou apreciar – só então, meu amigo despertou do torpor.

– Não é que ele fala mesmo – enquanto isso eu só confirmei.

– Fala, e como fala! É sabido o danado.

Foi então que tive que explicar. Dada a semelhança entre meu borradinho falador e o do poeta, o Reginaldo Rossi, pedi para que fizessemos a troca, eu ficava com o dele e ele ficava com o meu. Aí era só eu dizer que o meu canarinho parara de falar. Assim, a patroa desistiria do seu ardil de passar meu canário nos cobres. Cobrei atitudes do poeta.

– Pode fazer essa gentileza para mim? Só por uns dias. Mas não revela esse segredo, e se for falar com o canarinho, faz no particular.

– Já deu nome para ele?

– Amarelinho.

– Isso lá é nome de canário? Posso batizar o bichinho?

– Já escolheu um nome?

– Fidel Castro

– Mas Fidel Castro não cantava.

– Mas falava...

Foi assim, que pelo menos provisoriamente, Reginaldo Rossi

ficou morando em minha casa e Fidel Castro foi passar uns dias na casa do poeta.

A artimanha dera certo. Minha mulher, ela mesma, constatou que o canarinho emudecera. Não percebeu a troca, afinal, Reginaldo Rossi e Fidel Castro eram muito parecidos. E a partir de então, sempre que me encontrava com o cronista (o poeta era cronista também) ele tinha sempre uma história para contar de Fidel Castro. Contou-me ele que esperava o anoitecer para prostrar com o canário falador. O poeta punha a gaiola sobre um tamborete próximo à rede e ali ficavam proseando. E a esposa se intrigava de ouvir vozes no alpendre.

– Tá conversando com quem?

– Com ninguém. Estou decorando um discurso que vou fazer na Academia. Vem cá para ver. – e ela ia pra ver, não o discurso, mas o provável interlocutor.

– Nossa! Parece que tinha gente conversando com você.

Assim as primeiras horas da noite encontravam os dois celebrando aquela amizade. Disse-me o poeta que abriam as mais diversas pautas e discorriam acerca de uma variedade considerável de temas. O mistério era descobrir como aquela criaturinha aprendera tanta coisa a despeito de ser tão jovem. A esse tempo devia ter uns três meses de vida. Só isso. Já dizia o bardo inglês: “Há mais coisas entre o céu e a terra [...]”. E é assim. Há mistérios que não somos capazes de desvendar.

Tempos depois aventei a possibilidade de desfazermos a troca. Afinal, a criatura lá em casa foi se esquecendo daquela “caderneta de poupança” trancafiada na gaiola. Não falava mais. Ela tentou puxar conversa.

– Oiiiiiiiiiiiiiiii. Fala com a titia – E Reginaldo Rossi, nem aí pra ela. Cantava, isso sim. Cantava muito o danadinho, mas falar...

Até que um dia acordei com aquela impressão, que algo de muito ruim acontecera ou estava para acontecer. Fui direto procurar o Reginaldo Rossi. Qual o quê? Lá estava ele mortinho da silva na gaiola. Peguei-o e os olhinhos negros pareciam me dizer adeus. Há os que não irão crer, mas que vontade de chorar eu tive! Gostava de ver Reginaldo Rossi cantando. Tinha um jeito despojado, diferente. Mas

era só me ver disparava a cantar. Como não sentir a perda de um bichinho desses? O problema era comunicar o fato ao Poeta. Tínhamos prometido cuidar com esmero das avizinhas e eu falhara em minhas incumbências. Não havia mais o que fazer, dei um beijo no cocuruto de Reginaldo e o coloquei num saquinho de supermercado. Daí à lata de lixo, mas ressalvo que o fiz com o maior respeito, afinal Reginaldo Rossi estava deixando esse mundo e eu nunca mais veria sua maneira singela de inaugurar a vida todas as manhãs: cantando!

Dizem por aí que nada está tão ruim que não possa piorar, e pude então sentir no coração a veracidade dessa premissa. À noite o poeta me telefonou.

– Diz, aí poeta. O que manda?

– Tenho uma coisa pra lhe dizer.

– Pois então, diga homem.

– Fidel fugiu. Talvez eu não tenha fechado a gaiola corretamente quando fui tratar dele. Só sei que quando fui ver a gaiola estava aberta e nada de Fidel.

Aproveitei a ocasião para dizer do ocorrido com Reginaldo Rossi. Lamentamos a coincidência. Aves de cativado não estão aptas a sobreviver quando soltas e Fidel não iria certamente gozar da liberdade por muito tempo.

Alguns dias depois nos encontramos, eu e o nosso vate. Fizemos um pacto de que não revelaríamos para ninguém o ocorrido. Se o fizessemos passaríamos no mínimo por loucos. Levaríamos ao túmulo (ou dependendo de escolhas futuras, ao crematório) aquele nosso segredo. Ninguém ficaria sabendo que Reginaldo Rossi passara uns dias em minha casa cantando só para mim e nem saberiam que Fidel Castro estivera uns dias na casa do poeta, conversando com ele à noitinha e algumas vezes até dava uma canja cantando como só Fidel Castro sabia cantar. ❖

Luiz Augusto Paiva é escritor, bacharel em matemática, colaborador de **A União**. É membro da União Brasileira de Escritores - Seção Paraíba (UBE-PB). Tem dois livros publicados: *A saudade e outras manias do coração* (contos, Editora AllPrint - SP) e *O chapéu do meu avô* (crônicas, Mídia Editora - PB). Natural de Campos do Jordão (SP). Reside em João Pessoa (PB).



Os novos emparedados

Houve um tempo em que formávamos — Orlando Tejo, Astier Basílio e eu — uma espécie de sodalício, ou de trinca secreta, com frases e brincadeiras cujo verdadeiro significado só nós compreendíamos. Por exemplo: cada um vivia dizendo que iria “lascar” os outros dois. A “lascação”, no caso, resultaria da criação de uma obra literária genial, que alçasse o seu autor à glória e colocasse os outros dois à sombra, ficando ambos, por conseguinte, “lascados”, condenados ao eterno esquecimento. Lembro que Tejo só se dirigia à sua esposa, Josymar, chamando-a de “Prinspa”, sendo, por sua vez, tratado por esta de “Princeso”. E se eu acrescentar, a esta informação, que sou casado com Sílvia (professora universitária, como eu) e com ela tenho um casal de filhos, Heitor e Beatriz, o leitor não terá qualquer dificuldade para compreender os seguintes versos, que um dia recebi de Astier:

*Senhora, rainha Prinspa,
faça fuxico ao Princeso,
que aquilo que vou contar
pode deixá-lo surpreso:
pras bandas de outro estado
tem cabra que tá lascado
e é capaz d'eu ser preso.*

*Por isso peço ao Princeso,
que é doutor advogado,
que se acaso a justiça
me deixar aprisionado,
que ele puna por mim,
pois eu sou um cabra ruim
e Carlos Newton um lascado.*

*É um meio-Armorial,
é da laia dos barbudos;
inventou de escrever
um poema pra Canudos,
mas não está nos seus planos
que eu vou passar vinte anos
pra derrubar seus estudos.*

*Metade de uma vida
eu vou passar pra compor
um livro cujo objetivo
é só de ser o terror,
e na peia eu não aliso
e assim eu desmoralizo
pra sempre o pai de Heitor.*

*A pobre da Beatriz
que fez o poeta Dante
emburacar de cabeça
lá dos infernos pra diante,
em dois mil e tantos vai
se envergonhar de seu pai
que foi lascado bastante.*

*E Sílvia? Meu Deus, a pobre
invés de estar lecionando,
vai passar o dia inteiro
ao lascado consolando,
como um mordido de cobra
que olha pra minha obra
e permanece chorando.*

Os leitores mais bem informados em questões armoriais, e que certamente leram o *Romance d'A Pedra do Reino*, de Ariano, já devem ter percebido que nós lembrávamos, com essa brincadeira, aqueles “três possessos da Literatura” que eram Quaderna, Clemente e Samuel, fundadores, em Taperoá, da célebre Academia de Letras dos Emparedados do Sertão da Paraíba. Com uma diferença, porém: entre nós não existia o terrível elemento político para aprofundar as dissensões de ordem literária. Isso porque éramos, os três, “de esquerda”, se bem que o esquerdismo meu e de Astier, se comparado ao de Tejo, conduzia-nos às vezes mais para o centro, quando não para uma posição de centro-direita. É que Tejo era, de fato, de extrema-esquerda, e costumava levar seu esquerdismo exacerbado para as mais corriqueiras e prosaicas situações da vida.

Certa vez, tive a infelicidade de aceitar uma carona que Tejo me ofereceu. Seu carro, muito velho e com os pneus inteiramente desgastados, já representava, por si só, um risco de vida para quem nele se atrevesse a viajar. Pior, ainda, com Tejo ao volante. Ora, Tejo só soltava o seu cachimbo em três situações: quando comia, quando dormia e quando escovava os dentes. Assim, ao dirigir, ele segurava a direção apenas com a mão esquerda, enquanto a direita se dividia entre o cachimbo e a marcha. Se, por acaso, o cachimbo se apagava, ele não titubeava em soltar a mão esquerda para, com esta em cunha, cobrir o fornildo e proteger

▶ do vento o fogo do isqueiro, que então segurava com a mão direita, ao mesmo tempo em que o carro, sempre em movimento, claro, deslocava-se também lateralmente, de uma faixa da pista para a outra, ao som dos berros, das buzinas e das freadas bruscas que vinham dos carros mais próximos. Finalmente, enquanto motorista, Tejo tinha uma peculiaridade que só descobri naquele dia, tão logo lhe dei a primeira indicação para chegar a meu destino, pedindo-lhe que virasse à direita:

- À direita eu não posso virar!
- Pode sim, não é contramão!
- argumentei, sem compreender o verdadeiro sentido da sua recusa, enquanto ele seguia em frente para fazer a conversão na esquina seguinte, entrando à esquerda.

Explicou Tejo:

- Por absoluta fidelidade à esquerda, eu, quando dirijo, jamais viro à direita!

Voltamos, assim, após mais duas conversões à esquerda, para a rua onde deveríamos ter entrado.

— De virada para a direita, basta a desse caboclo misterioso que nos governa lá do Planalto! — concluiu, agora seguindo em frente e fazendo referência expressa ao Presidente da República, que era, na época, Fernando Henrique Cardoso.

E foi assim, sempre fazendo conversões à esquerda, e por um trajeto insólito, que ora me aproximava, ora me afastava do meu destino, que terminei chegando, são e salvo, aonde queria ir, muito embora bem mais tarde do que imaginara ao aceitar a carona.

Algum tempo depois, chegou o dia da defesa de minha tese de doutorado na Universidade Federal de Pernambuco. Tejo e Astier se fizeram presentes, para me prestigiar. Astier veio de Campina Grande, onde então residia, e ficou hospedado, como de costume, na casa de Tejo, que nesse tempo morava no Recife, no bairro da Iputinga. Chegaram à universidade, portanto, juntos, e juntos se sentaram, mais ou menos no meio do auditório.

Pois bem: várias vezes, durante a defesa, percebi que um cochichava ao ouvido do outro, e que cada

ILUSTRAÇÃO EXCLUSIVA DE MANUEL DANTAS SUASSUNA PARA A COLUNA NOVO ALMANAQUE ARMORIAL



cochicho era seguido por uns risinhos abafados. Ali havia alguma molecagem, eu não tinha a menor dúvida! Ao término da sessão, quando eu já estava ungido e consagrado com o honroso título de “Doutor” (que, como sabem todos os acadêmicos, é indispensável para se escrever uma obra verdadeiramente genial), dirigi-me aos dois ao mesmo tempo e perguntei o que tanto eles cochichavam durante a minha apresentação.

Foi então que Tejo, falando sério, revelou o segredo. Durante a sessão, olhando para o calhamaço da tese, ali na mesa, e percebendo que eu estava me saindo muito bem, ambos ficaram com medo, de fato, de serem “lascados” por mim. Terminaram, assim, fazendo um “pacto de não-agressão”. De maneira

que, dali em diante, eu que me cuidasse, pois os dois iriam unir forças para me lascar primeiro.

E foi naquele mesmo dia que Tejo me revelou a novidade: por motivo de saúde, havia parado de fumar. Surpreso com a notícia, pedi-lhe, então, pela aprovação da tese, e antes de ser lascado, que ele me desse de presente, como prêmio de consolação, o seu último cachimbo — este mesmo que guardo ainda hoje comigo, como se fosse uma relíquia digna dos melhores museus do mundo. ✦

Carlos Newton Júnior é poeta, ensaísta e professor da Universidade Federal de Pernambuco. É autor de vários livros, entre os quais, *Vida de Quaderna e Simão* (romance) e *Canudos - Poema dos Quinhentos* (poesia). Mora em Recife (PE).



TEATRO ÍRACLES BROCOS PIRES
ICA

TEATRO ÍRACLES PIRES

O GRANDE PALCO CULTURAL DE CAJAZEIRAS ESTÁ DE VOLTA

GOVERNO DO ESTADO INVESTE 5 MILHÕES
EM REFORMA E AMPLIAÇÃO DO ICA



125
Anos



Faça parte do Sesc!



Comerciário

- Comprovante de Residência
- Carteira de Trabalho
- RG e CPF
- PIS/PASEP
- Foto 3x4
- Cópia da GRF e GPS

Dependente

- CTPS do Comerciário
- RG
- CPF (obrigatório a partir de 12 anos)
- Foto 3x4
- Certidão de Nascimento (Até 21 anos)
- Certidão de Casamento (Cônjuge)

Conveniado

- Comprovante de Residência
- Declaração do Convênio
- RG e CPF
- Foto 3x4

Usuário

- Comprovante de Residência
- RG e CPF
- Foto 3x4

VOCÊ SABIA QUE O **SESC** É UM DOS MAIORES PROGRAMAS DE DESENVOLVIMENTO SOCIAL **DO MUNDO?**

informações: www.sescpb.com.br | (83) 3208.3162